FREGUESIA

— DA —

PALHAÇA

CONTRIBUIÇÃO PARA A SUA MONOGRAFIA

1977

FREGUESIA

— DA —

PALHAÇA

CONTRIBUIÇÃO PARA A SUA MONOGRAFIA

1977

Esta palavra «FREGUESIA»

Pedem-me duas linhas para uma publicação que irá aparecer em breve na freguesia da Palhaça.

Ao escrever agora e aqui a palavra «freguesia» lembra-me uma história. Uma história passada ainda há bem pouco tempo. Creio que vale a pena contá-la.

Há meia dúzia de meses chegou a Portugal, vindo da Holanda, o novo Núncio Apostólico. Chama-se Monsenhor Ângelo Felici.

Encontrámo-nos em Braga numa cerimónia religiosa e, depois, à hora do almoço, calhou eu ficar sentado perto do representante do Papa.

Monsenhor Felici é italiano, como o próprio nome denuncia. Ora na Itália existe a palavra «paróquia» para designar o agregado religioso respectivo, mas não existe o termo «freguesia».

Ao iniciar a sua missão em Portugal Monsenhor Felici deve-se ter deparado com muitas coisas que lhe excitaram a curiosidade. Uma delas foi, decerto, a palavra «freguesia». Depois de alguma investigação encontrou o segredo. Também as palavras têm os seus segredos.

Mal nos tínhamos sentado à mesa ,o Senhor Núncio Apostólico perguntou-me asism, à queima-roupa:

— Senhor Bispo de Aveiro, sabe o que significa a palavra «freguesia»?

Dei conta de que a pergunta não era a de quem queria informar-se por não saber, mas a de quem, encantado com a descoberta feita, pretendia saber se eu a já teria feito também.

Por acaso o Senhor Núncio não me apanhou descalço. Ao menos daquela vez.

A expressão «freguesia», com a correspondente «freguês», têm uma origem e significado muito belos. Freguês *significa* filho da Igreja *e* Freguesia *é o conjunto dos* filhos da Igreja *nascidos da mesma pia baptismal.*

Não é de estranhar que um estrangeiro, como o Senhor Núncio Apostólico, ao deparar-se com a origem cristã de uma palavra portuguesa de uso corrente, não tenha retido a sua admiração. A pergunta trazia, no fundo, a alegria de uma descoberta inesperada.

Terá o merceeiro ou o vendedor de remédios ou de panos pensado alguma vez que está a usar uma palavra de origem religiosa e de significado sagrado quando fala dos seus bons ou maus fregueses *e da sua vasta ou minguada* freguesia ?

As palavras têm os seus segredos e têm também a sua história. Freguesia *é uma dessas palavras.*

† Manuel, Bispo de Aveiro

«A ACTUAL FREGUESIA DA PALHAÇA, QUE COM CERTA PROPRIEDADE SE DEVE DENOMINAR DE VILA NOVA DA PALHAÇA, PERTENCE ACTUALMENTE AO CONCELHO DE OLIVEIRA DO BAIRRO E À COMARCA, BISPADO E DISTRITO DE AVEIRO, TENDO A SUA HISTÓRIA ESTADO VINCULADA DURANTE MUITOS SÉCULOS À ANTIQUÍSSIMA VILA DE SOZA, QUE JÁ FOI CONCELHO E HOJE PERTENCE AO DE VAGOS, DE QUEM, SE SEPAROU PARA CONSTITUIR UMA FREGUESIA INDEPENDENTE EM 1804, NO INICIO DO SÉCULO XIX».

(In A FREGUESIA DA PALHAÇA, pág. 49, 1969
— Manuel Simões Alberto)

MEMÓRIAS DA PALHAÇA

por **António Capão**

A povoação da Palhaça fica situada no extremo noroeste do Concelho de Oliveira do Bairro, a que actualmente pertence, a 11 quilómetros da vila que é a sede do Concelho; assenta sobre uma espécie de pequeno planalto, fertilíssimo sob o ponto de vista agrícola, para o qual se sobe por todas as estradas de acesso, à excepção do sul que a faz comunicar imediatamente com o centro da Bairrada.

Dista 15 quilómetros de Aveiro, cidade que lhe fica mais próxima, sede do distrito, da diocese e comarca, (1) e 45 quilómetros de Coimbra com que está mais do que uma vez por dia em comunicação.

Além da boa estrada que a atravessa de norte a sul, pondo em contacto as duas cidades indicadas, outra a corta no sentido nascente-poente, ligando a formosa vila de Águeda, nas faldas do Caramulo, à ribeirinha vila de Vagos.

A quem chega à aldeia pelo lado de Aveiro, há-de por força atrair-lhe a atenção, a mais de meio da encosta, uma pequena construção em ângulo recto, coroada de pequenas ameias, metida entre acácias e álamos, ostentando no lanço da parede lateral, a tinta preta, o nome PARAIZO (2) — construção romântica, dentro da qual festões de rosas desabrochavam de mistura com as silvas, mandada fazer por um homem alegre e sentimental que vivia em Coimbra, explorando um pequeno restaurante do lado de lá da Ponte, em Santa Clara, e a quem na terra todos conhecíamos pelo apelido de *Fartura*.

Com efeito, essa entrada na aldeia torna-se convidativa depois da estirada desde Salgueiro; a terra desentranha-se em fecundidade, sempre presente nos

---

1) *Ficou a pertencer à comarca de Vagos a partir de Abril de 1973.*

2) *Após a morte do seu proprietário, a pequena propriedade foi vendida e o novo dono mandou derrubar algumas das ameias.*

Um aspecto de inverno da freguesia da Palhaça.

Vê-se nesta fotografia de Fevereiro de 1941 a escola primária, a cabine e a casa do povo; em frente destas, o largo, na altura ainda não murado como se vê hoje.

vários tons de verde da sua vegetação natural, mas não tão generosa que não obrigue o homem a trabalhar com ardor, porque ela só lhe cede o pão com dispêndio de muitas energias, tendo que a regar incessantemente com o suor do seu corpo.

A separar a freguesia da Palhaça da de Nariz, mas pelo lado de Vila Nova, estende-se uma deleitosa depressão, cheia de viço e de cor a que chamamos o Vale do Ribeirinho.

Para os lados de Oiã, entre Vila Nova e os pinhais de Águas-Boas, estendem-se os *Vales* da *Adioga* e de *Canas* (Balcanas).

Para o poente, entre a Palhaça e a Carregosa, estendem-se os *Barros*, plantados a vinha, e a *Gandra das Masseiras.*

Mas para Bustos, terra de pastagens, milho e raros pinhais, é um subir lento, quase plano!

* * *

A freguesia da Palhaça tem como orago S. Pedro e dela fazem parte os

seguintes lugares: Palhaça, Vila Nova, Pedreira (parte da freguesia de Oiã), Carregais, Chousa, Fonte de bebe e vai-te (Fonte da Baita), Roque (parte da freguesia de Nariz), Val do Rato, Rebolo, Areeiro, Albergue, Tojeira.

O lugar do *Albergue*, que actualmente pertence à Palhaça, tem a sua origem histórica ligada ao Convento de Jesus de Aveiro, entidade religiosa a que sempre pagou foro. Teria sido escolhido por Dona Brites, para, em cumprimento das disposições testamentárias de seu marido, fundar um *hospital* ou *albergaria* para peregrinos.

Diz-nos Domingos Maurício que: «O local escolhido por D. Brites parece ter sido um terreno, a leste da Quinta de Ouca, que deu posteriormente origem ao moderno lugar ou casal do Albergue, da freguesia da Palhaça, e limitado pelo triângulo do Areeiro, Azurveira e Carregosa, a ocidente da estrada de Bustos à Palhaça. (1)

Quanto aos outros lugares também citados, que fazem hoje parte da freguesia, somos de opinião que foram povoados posteriormente, pertencendo os terrenos, já com esses nomes, a certas famílias da aldeia. O mesmo poderá vir a acontecer com outros lugares de nome próprio que pertencem à povoação, mas que, por enquanto, são formados por terras cultiváveis ou cultivadas.

Merece-nos particular atenção, por ser bastante elucidativa a palavra *Chousa*, que designa actualmente um lugar com bastantes fogos, do latim CLAUSA — (fechada), o que indicaria, primitivamente, um conjunto de terrenos privados, pertencentes fosse a quem fosse.

Pertenceu a povoação da Palhaça ao extinto Concelho de Soza, então Comarca de Anadia; até à sua extinção em 31 de Dezembro de 1853 (2), em 24 de Outubro de 1855, passou para o Concelho de Oliveira do Bairro da mesma comarca; todavia, em 18 de Dezembro de 1872 passou para a Comarca e Concelho de Aveiro juntamente com a freguesia de Nariz, o que deu lugar a viva polémica não só na imprensa mas também no próprio parlamento; tendo depois regressado ao Concelho de Oliveira do Bairro, a ele ficou ligada até hoje (3). O problema, contudo, é muito mais antigo e merece-nos algumas considerações.

---

1) *Domingos Maurício — «O Mosteiro de Jesus de Aveiro», Vol. I, p. 6.*

2) *A «Enciclopédia Verbo», de publicação recente, regista mais um erro que é necessário desfazer: «A antiga freguesia da Palhaça era uma reitoria da apresentação dos duques de Lafões e pertenceu ao concelho de Soza até à sua extinção em 31. 11. 1853». Como já foi dito e confirmado não se trata de uma* reitoria *mas de um curato da freguesia de Soza que, esta sim, era uma reitoria da apresentação dos duques de Lafões.*

3) *Manuel Pinheiro Chagas — «Dicionário Popular», vol. 9, pp. 140-141, Lisboa, 1881.*

Nogueira Gonçalves diz-nos ,a propósito da freguesia da Mamarrosa (1), que «A região de Mamarrosa foi doada a Santa Maria de Rocamador por D. Sancho II. Confirmou-a D. Afonco III a fr. Hugo prior de Sôza, *ordinis monasterii S. Marie de Rupe Amatoris*. Os territórios nesta região abrangiam Bustos e Palhaça».

E, mais adiante, continua: «O pároco, simples cura, era da apresentação do reitor de Sôza, como era próprio de freguesia que dali tinha sido desligada.

Por sua vez, desta freguesia de Mamarrosa foi separada, já no século XIX, a de Palhaça e, no presente, a de Bustos».

E, ao referir-se à freguesia de Palhaça, diz logo no início: «Deixámos dito em Mamarrosa que esta freguesia lhe foi desanexada no princípio do século XIX e que fazia parte do território doado a Santa Maria de Rocamador».

Permitimo-nos discordar das afirmações deste prestimoso Autor no que diz respeito às relações entre a Palhaça e a Mamarrosa e à respectiva desanexação.

Não há dúvida de que o território que foi objecto de doação abrangia estes lugares, hoje freguesias, e também Bustos, Albergue, o actual lugar da Azurveira, Tojeira, etc, etc, mas seria assim nos primórdios da monarquia; porque, posteriormente, e muito, — a Palhaça, tanto quanto nós sabemos, só nos aparece em 1623, portanto já no primeiro quartel do século XVII — esta aldeia era um *curato* como a Mamarrosa e desanexou-se não desta freguesia mas da matriz de Soza que era uma reitoria da Casa de Lafões e as referidas aldeias simples curatos dessa reitoria. (2) *Na Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura Verbo*, se diz que a freguesia de Soza ficava situada na antiga Comarca de Esgueira e que foi vigararia da apresentação do bispo de Coimbra ou da casa de Lafões, segundo a «*Estatistica Parochial*», de 1862. (3)

A ter validade a afirmação de Nogueira Gonçalves, seria natural que houvesse ainda hoje relações humanas mais estreitas entre a Palhaça e a Mamarrosa que seriam até continuadas pela tradição oral; ora podemos afirmar que neste aspecto as relações são nulas ou quase, não se observando o mesmo quanto às relações entre a Palhaça e as aldeias e lugares para poente, todas muito ligadas por vínculos familiares em que a comunicação anterior está ainda presente na tradição oral. Assim se explica que muitas famílias de Palhaça (a família do autor é um desses exemplos) tenham troncos comuns com famílias de Soza, Carregosa, Boco, Ouca e Fontão.

Quanto ao problema surgido no século XIX, temos de o colocar não estritamente no campo religioso, mas, fundamentalmente, sob o ponto de vista admi-

---

1) *A. Nogueira Gonçalves — «Inventário artístico de Portugal — Distrito de Aveiro, Zona - Sul», VI, pp. 207 e 210, Lisboa, 1959.*

2) *No livro de Registos de Soza aparecem as últimas citações dos lugares da Palhaça em 1804.*

3) *Vide «Enciclopédia Verbo» vol. n.° 17, Sosa, pp. 565-566.*

nistrativo, a propósito da integração da freguesia de Palhaça no Concelho de Oliveira do Bairro.

A freguesia de que nos estamos a ocupar tem-se desenvolvido extraordinariamente nos últimos tempos, beneficiando, em primeiro lugar, do facto de nela se realizarem duas feiras por mês, nos dias 12 e 29 — móveis se calham aos sábados ou domingos — aonde não só aflui toda a população da região bairradina, mas ainda de Aveiro, Estarreja, Murtosa, Ovar, etc, e aí se carregam muitos camiões de gado bovino com destino a Lisboa e ao Porto; em segundo lugar, porque disfruta de uma situação invejada pelas outras freguesias da região, pois constitui, por assim dizer, o porto de descarga dos produtos da Bairrada.

A feira da Palhaça, das maiores do distrito de Aveiro ocupa vários largos, que, em conjunto, devem formar uma área de mais ou menos 50.000 metros quadrados, espaço que tende a aumentar de ano para ano e onde se distribuem os diversos géneros com grande meticulosidade.

No largo de S. Pedro, de forma triangular onde, sobre um coreto, que serve de depósito aos três fontenários erigidos nos vértices, o padroeiro impera, estão dispostas desde a véspera muitas tendas desmontáveis nas quais e de acordo com a especialidade dos vendedores, estão expostos à venda, chapéus, sapatos, fazendas, roupas feitas, tamancos, ferragens e objectos de ourivesaria; utilizando o chão e ao longo das casas do lado do sul, encontram-se os instrumentos de madeira: gamelas, escudelas, cadeiras, colheres de pau, cabos para as diversas alfaias agrícolas, pipas e barris, uma enorme variedade de cestos feitos de verga descascada — os de verga com casca: cestos

Fachada da escola

de aro, poceiros, canastras, vendem-se na feira de S. Bartolomeu no Troviscal — e chapéus de palha; ladeando as ruas, as mulheres vendem tremoços, figos passados, castanhas cruas e assadas, conforme a época do ano; do outro lado, queijos da serra e dos lacticínios de Aveiro; mais para o cruzeiro, as *mulheres d'Ilhavo* estendem os seus fatos e toda a outra espécie de roupas e sapatos usados; mais além, mobílias novas e chapéus de chuva.

Acompanhando a estrada até ao edifício dos Correios e ao da Casa do Povo, encontramos louças de zinco, lata, alumínio, esmalte, e, mais à frente, objectos de vidro, de plástico e as tradicionais louças de Aradas: de barro preto, barro vermelho, vidradas ou não (caçoilas, caçoilos, alguidares, etc), pintadas com motivos regionais: uvas, flores, galinhas, barcos, montes de sal, etc..

No largo da escola, fechado a partir de uma certa altura, de um lado, em grandes montes ,estão expostas as couves para plantar — a *pranta* —, o cebolo, flores, e, no inverno, nabos, nabiças, e toda a espécie de hortaliça para comer; do outro lado, vendem-se os *secos*: ervilha, cevada, aveia, azevém, milho, feijão, serradela, penisco, tremoço bravo e manso, grão-de-bico, arroz descascado, cebola, batata, etc..

Perto do recinto da escola primária vende-se *bacelo* no tempo conveniente e, ao lado, fica a *feira da fruta* onde se pode comprar toda a qualidade de fruta da região e de outras regiões.

Continuando pela estrada que vai para Vagos, vamos dar à *feira do gado*: *feira dos porcos* e *feira dos bois* e *das vacas*, esta ainda subdividida em *feira do gado amarelo, do gado turino* e *feira dos vitelos ou bezerros.*

No ângulo terminal deste largo e em espaço separado da feira do gado, vende-se peixe fresco ou salgado da nossa costa, preparam-se caldeiradas e ainda estão expostas mercearias, carnes salgadas e bacalhau.

A feira torna-se assim o grande centro de venda e compra dos produtos desta região fundamentalmente agrícola, bem como da aquisição de tudo quanto é necessário à subsistência deste laborioso povo.

As duas feiras da Palhaça constituem assim a grande fonte de receita da freguesia: não só da população que explora em quanttidade o tipo de casas de pasto (algumas das quais só abrem nesses dias) mas também do seu Corpo Administrativo, pois todas as pessoas que apresentem produtos para transaccionar têm de pagar o imposto de venda à Junta da Freguesia.

A história da criação da feira da Palhaça é bastante confusa e sentimos pena com isso; quanto a nós, este estado de desconhecimento tem na base o problema político - religioso da passagem dos bens da Igreja para o Estado. A freguesia teria tido os seus dirigenttes rábulas que, não tendo capacidade para resolver com nível uma situação delicada, fizeram muito simplesmente desaparecer a documentação (1).

---

1) *A tradição oral dá conta de que essa documentação foi queimada em segredo num forno particular, tendo-o ajudado a aquecer para fazer a fornada.*

A feira dos 29 é a mais antiga e não há ninguém que se recorde da sua fundação; sabe-se, por tradição oral, que um tal Manuel de Oliveira doou um terreno lavradio — o largo de S. Pedro — ao padroeiro da terra, para nele se fazer a feira, por volta de 1715. Fala-se na existência deste testamento que alguém, não se descobre bem por que razão, escondeu e fez desaparecer, facto que já assinalámos atrás. Desta situação, criada tão nebulosamente, resultou a controvérsia sobre o rendimento da feira; se pertenceria aos poderes públicos ou a S. Pedro, isto é, à igreja paroquial, uma vez que muitos desses bens foram posteriormente restituídos.

Consultámos uns apontamentos que confirmam a notícia da doação, mas que nos parecem sem grande interesse. Não se conhece outra fonte que não seja a tradição oral; estão hoje na posse do actual pároco da freguesia, P.e Manuel de Oliveira, mas pertenceram ao ex-prior, P.e Manuel Nunes, que os rabiscou e foi uma das pessoas a levantar tão delicado problema que permanecerá insolúvel enquanto não se encontrar outra documentação escrita de evidente interesse para a história da freguesia.

Um antigo e experimentado presidente da Junta afirmou-nos um dia que a feira dos 29 devia ter mais de duzentos anos, sendo a dos 12 muito mais recente, não atingindo ainda os cem anos de existência, pois a primeira vez que se realizou foi a 12 de Janeiro de 1907.

Antigamente, a feira realizava-se exclusivamente no largo de S. Pedro, distribuindo-se os vários produtos por ele todo : em toda a volta instalavam-se os vendedores de fazendas; a um lado, vendia-se peixe frito (o que hoje se faz, principalmente, no pequeno largo que dá para o Rebolo, depois de se ter feito no que dá para o Vale do Rato); a seguir, a erva e outros cereais; na parte poente, estacionava o gado para a venda.

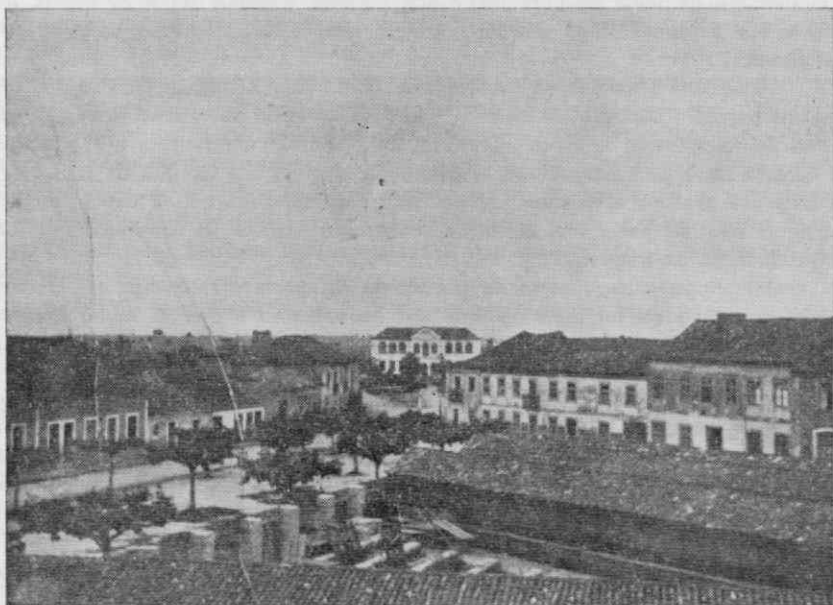
A norte do Largo de S. Pedro, elevava-se o barracão com o nome do padroeiro, onde a Junta da Freguesia recolhia as *medidas* dos cereais que eram pertença sua : a *rasa* com o *rasoilo* ou *rasoiro*, o *alqueire*, a *maquia*, o *celamim*, ou *ceremim* e o *litro;* mas além das medidas, arrumava outros utensílios necessários e os estrados sobre os quais os vendedores expunham os seus produtos.

A *casa* ou *barracão de S. Pedro* tinha rés-do-chão térreo que estava normalmente alugado para a venda de vinho a retalho; e *sobrado*, onde se guardavam os já indicados objectos da Junta.

Da *feira das cebolas* de que fala Pinho Leal ninguém se recorda, embora aceitemos perfeitamente a sua existência; têm vida especial, com bailarico e festa, a *feira da erva* e a de *S. Pedro* a que acorre muita gente não só por causa das transacções comerciais, mas também para se divertir; neste aspecto, são as de maior nomeada.

A necessidade de aumentar o espaço para a comercialização dos produtos foi-se acentuando com a maior concorrência de feirantes interessados na venda e na compra e, principalmente, com as exigências requeridas pela higiene e saúde públicas; por isso, a feira do gado, das carnes e do peixe estão hoje praticamente fora da povoação, mas em estreita comunicação com ela.

Ainda é do nosso tempo a existência do conjunto de barracas imóveis, su-

portadas por paredes de adobo, cobertas a telhas, onde se instalavam alguns feirantes(de tecidos, ferragens, ourivesaria, etc) e que ficavam fechadas durante os dias em que não havia feira. Esse conjunto de barracões tornou-se valhacouto da juventude sem trabalho e por aí vadiavam as crianças (rapazes) que *iam achar*, isto é, ver se encontravam alguma coisa esquecida pelos vendedores.

Vista antiga da Palhaça

Construção pesada, inestética e inoperante, foi destruída pela junta da freguesia, dando origem ao actual e espaçoso largo de S. Pedro.

Outrora, exportava-se da Palhaça muita laranja de óptima qualidade pela barra de Aveiro; todavia, com o assoreamento da foz do Vouga a exportação decaiu e, com ela, as preocupações de produção; actualmente rejuvenesceu a cultura da laranja que está a dar muito bons resultados.

Era por esta aldeia que passava uma mala-posta importante que ligava a cidade de Aveiro à vila de Cantanhede; assim se explica a existência da estalagem do Quartel - Mestre que possuia cavalariça, casa de dormida e uma ferraria que tinha por símbolo um cavalo de pedra branca.

Sabe-se que uma rainha passara aí uma noite e saudou, de uma das janelas, o povo da aldeia aglomerado para a ver; há quem presuma que tivesse sido D. Maria Pia, quando fazia a viagem com destino ao Porto, para a inauguração da ponte sobre o Douro, à qual deu o seu nome, mas o que não é historicamente

certo, quanto a nós (1). De facto, justificamos a nossa opinião porque à data da inauguração da ponte do caminho de ferro sobre o Douro, a 5 de Novembro de 1877, já se encontrava em serviço a linha do Norte até Gaia. Ora a família real para tal inauguração não foi ao norte de diligência, mas sim em comboio real, rebocado pela locomotiva *Andorinha* que inaugurou a passagem entre Gaia e o Porto-Campanhã, indo a família real, numa carruagem denominada *D. Maria Pia*. Isto será suficiente para destruir a ideia de que D. Maria Pia terá passado pela Palhaça com a intenção de ir inaugurar esse troço da linha do Norte.

Mais admirados ficamos ainda porque o autor do artigo publicado no n.º 165 do «Jornal da Bairrada», *Palhaça; um pouco da sua história*, pertence à família que terá o manuscrito do Padre João Simões Capão, dando-nos uma informação gratuita e sem o estudo atento e responsável de tal documento.

Uma rainha esteve aí com certeza: foi D. Maria II, quando em Maio de 1852, com D. Fernando e os filhos D. Pedro e D. Luís, regressavam de uma visita a Aveiro. Domingos Maurício, seguindo uma notícia do n.º 31 do «Campeão do Vouga» e Marques Gomes, afirma que: «Às dez da noite, depois de relancearam as iluminações da cidade, os soberanos recolheram, para na segunda-feira, às 7 *horas da manhã, retomarem o caminho de regresso a Lisboa*. D. Maria II e o infante D. Luís meteram em direcção à Palhaça; D. Fernando com o príncipe D. Pedro, pela Vista Alegre, cuja fábrica de cerâmica visitaram em plena laboração, prosseguindo viagem, às 11 horas, também pelo caminho da Palhaça, para ali se encontrarem com a rainha. (2)»

Primitivamente a povoação ficava a nascente e, ainda segundo a tradição, teria tido o nome de Vila Nova de Cutelhões ou de Gutelhões, donde teria vindo sòmente o nome do lugar de Vila Nova. Com efeito, parece ter sido este lugar o mais importante na história desta aldeia, pois, quando deixou de ser curato de Soza e nela se quis construir a igreja paroquial, foi este lugar que superou o da Tojeira por possuir mais uma casa.

A poente existiria o lugar chamado *Palhoça*, terrenos cultivados de cereais e a cujas modestas e pequenas habitações não é difícil atribuir o adjectivo *palhaça*, donde viria o actual nome da povoção. Quanto à tradição das *palhoceiras* ou vendedeiras de *palhoças* a que se refere Manuel Vieira Alberto, seguindo o manuscrito, segundo diz, do Padre João Simões Capão, na sua «Freguesia da Palhaça» de 1969, embora a achemos verosimilhante, pomos as nossas hesitações. Parece-nos impossível que, quando fizemos os nossos inquéritos linguístico e etnográficos, as pessoas mais velhas não se referissem à manufactura das tais *palhoças*. Além disso, as pessoas que possuem os terrenos onde cresce a *tabua* — é o problema da casa do autor deste trabalho que é muito antiga —

---

1) *Fernando Simões Capão — «Palhaça; um pouco da sua história», in «Jornal da Bairrada», n.º 165.*

2) *Domingos Maurício — «O Mosteiro de Jesus de Aveiro», vol. I (3), pág. 415.*

— não se recordam de *existir* na Palhaça, sequer por tradição, tal trabalho de artesanato.É verdade que a *tabua*, durante um certo tempo, fora vendida para ser utilizada em *Perrães* ou na Giesta *(Gesta)* e só uma rapariga de Perrães que casou na Palhaça se dedicou ao fabrico de esteiras. Pelo facto de se conservar esse tipo de artesanato nessas localidades perto da *pateira* de Fermentelos, não quer dizer que também existisse nesta aldeia, relativamente afastada e mais devotada aos trabalhos da agricultura.

Por outro lado gostaríamos de ver publicado, ou no original, tal manuscrito que se cita, pois, enquanto isso não for feito, continuaremos a duvidar dele e a crer que ele existe mais na cabeça de certas pessoas do que na realidade.

Muitos conhecimentos sobre esta aldeia foram-nos transmitidos por via oral, pelo que muito da sua história pertence ainda ao mundo das hipóteses. O que a nós, porém, nos parece bem seguro é que *Palhoça* ou *Palhaça* são nomes relacionados com *palha*, embora uma das culturas principais através dos tempos tenha sido a vinha em terrenos de barro.

O «Dicionário Geográfico manuscrito» de 1758, vol. 35, ao enumerar os lugares da freguesia de Soza, informa-nos, na página 1714, do seguinte: «O lugar da Palhaça que tem trinta e coatro vezinhos e cento, e vinte e três pessoas, o coal parte delle pertence á ditta villa de Aveyro e parte ao termo de Esgueyra cabessa desta commarqua e a estrada que vay de Coimbra para Aveyro devide os ditos termos; e da parte que pertence ao Termo de Aveyro são as Reções, e foros do mesmo convento de Jesus.»

Imediatamente a seguir, fala da *Ponte dos Fernandes*, lugar com *seis vezinhos e 26 pessoas*, mas que não nos é possível identificar actualmente. Parecia-nos que a palavra *ponte* era descabida nesta aldeia onde quase não são necessárias *pontes* a não ser em invernos rigorosos; interpretaríamos *ponta* com o sentido de *extremidade*, conjunto de casas mais afastado, ou *fonte*, pois em cada lugarejo há praticamente uma (Fonte dos Carregais, Fonte do Areeiro, Fonte do Rebolo, Fonte da Baita, Fonte do Albergue, Fonte da Tojeira, Fonte de Vila Nova, etc) tendo sido as águas de todas exploradas posteriormente pela junta da freguesia e preparados lavadouros públicos.

Somos, todavia, levados a aceitar a designação pela abundância das citações no «Livro do Indez» do «Arquivo da Universidade de Coimbra», onde a par da indicação de muitos topónimos, ainda hoje existentes, outros há que já não são conhecidos e, embora citados em conjunto, alguns fiquem relativamente afastados dos outros no espaço. Assim, Domingos Maurício informa: «Na Carregosa pagavam foro: a Relvadinha e matas na subida de Carregosa, a Quinta Velha, o casal do Silveirinha, a quinta do Feital, a quinta do Fontão, o casal da Pereirinha, o ábrego da Carregosa; Nossa Senhora da Assunção, a Água da Carregosa, a quinta do Val de Malhadas e seus acrescidos, os convizinhos da Azurveira, a Azurveira, a quinta do Vale Grande, o brijeiro no Rego do Juncal, a água da Vala Grande, a quinta da Brijeira, Bustos, a *quinta dos Fernandos*, e Poci-

nhas, a *quinta da Ponte*, a *água dos Fernandes*, a *Ponte dos Fernandes*(1), porto Gielas», etc(2). Não há dúvida de que temos que localizar este lugar entre Bustos, Azurveira, Carregosa e Palhaça, onde existe uma depressão com algumas valas que secam no verão, mas que, no inverno e na primavera, apresentam uma corrente mais ou menos caudalosa que se vai lançar na vala também chamada Rego do Fontão.

Em toda a documentação relativa ao Convento de Jesus de Aveiro, o que se dava também com outros conventos, notamos um grande número de *quintas*: quinta da Carregosa, quinta do Fontão, quinta do Val de Malhadas, quinta do Vale Grande, quinta da Brijeira, quinta dos Fernandos, quinta da Ponte, quinta do Cabeço da Pedra, quinta do Sobreiro, quinta da Tojeira, quinta do Cabeço de Pegas, quinta de Nariz do Bebe-vai-te, quinta de Nariz, quinta da Azurveira, as quintas da Palhaça, quinta de Ouca ou das Freiras, etc, etc. Ora com o rolar dos tempos, as *quintas* foram-se desmembrando e algumas propriedades foram adquiridas pelos elementos da população das várias aldeias desta região. Conhecem-se ainda algumas propriedades, na Palhaça por exemplo, a que se dá o nome de *quinta*. Na maior parte, com a sua desagregação, desapareceu também a palavra *quinta*, ficando somente o nome do respectivo agregado populacional: Nariz, Carregosa, Azurveira, Palhaça, etc. Noutros casos, a locução substantiva passou a designar a própria povoação: Quinta do Gordo, Quinta Nova, Quinta da Gala, Quinta do Picado, Quinta da Ferreira, etc..

Na página 1715 do mesmo «Dicionário», fala-se de *Villa noua*, com *44 vezinhos* e *156 pessoas*, esclarecendo: «e dentro dele está huma cappella do Apostolo S. Pedro(...) e o Reparo de Corpo da dita Cappella pertence ao Povo do mesmo lugar, e da Palhassa, e Tojeyra».

Ora o pequeno templo de que se fala aqui foi aproveitado para parte da igreja da freguesia situada em Vila Nova, talvez parte da Capela-mor, como podemos observar pelo que atesta a inscrição em pedra existente na parede norte da referida capela-mor:

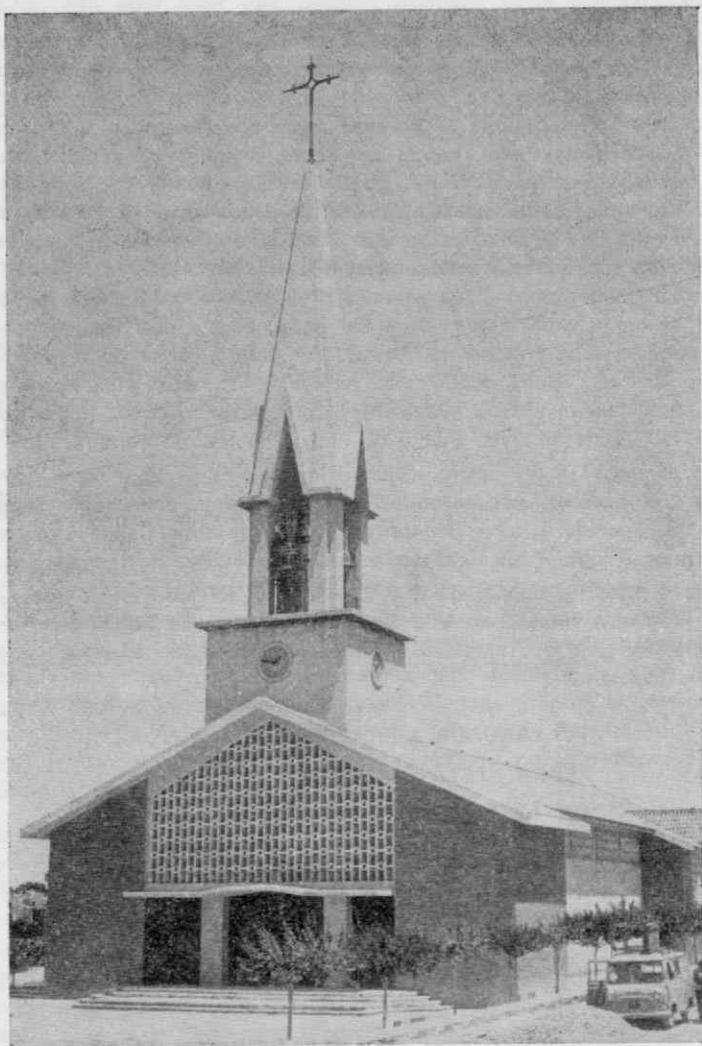
FOI LANÇADA A PRIMEIRA
PEDRA NESTA CAPELA M
OR A 25 DE 7BRO. D. 1837, EM
1831 FOI ACRESCENTADA A IGA
E DESANEXADA DA MATRIS
EM MDCCC IV. PARA MEMORIA DE
VINDOUROS T. N. O FES

---

1) *O sublinhado é nosso.*

2) *Domingos Maurício— «Mosteiro de Jesus de Aveiro», I/1, pág. 273.*

Seguimos a ordem da escrita na lápida. Pensamos também que se compreende perfeitamente o que quis transmitir aos vindouros o seu autor.

Foi este, efectivamente, o lugar mais importante da aldeia, a darmos cré-

O elegante campanário da nova igreja da Palhaça.

dito aos poucos documentos de que dispomos e que vêm confirmar a tradição oral. Assim, nos «Registos paroquiais de Soza»(1), existentes no Arquivo da Universidade de Coimbra (2), Livro I, é este o lugar mais citado, o que quer dizer que era então o mais populoso.

Vejamos, a título de curiosidade, que os enterramentos das pessoas destes lugares se faziam nos terrenos circunjacentes do templo, isto é, no que se chama aí *adro da igreja*, posteriormente muito aumentado, mas também mais ocupado pela posterior construção da igreja, sob cujo soalho ficaram muitos ossos humanos.

Preste-se atenção às citações que vamos transcrever nas quais surgem os nomes dos lugares por ordem cronológica, mas não na totalidade:

a) O lugar de *Vila Nova*:

1622 — 26 de Maio, fl. 8, v.
1625 — 25 de Novembro, fl. 24, v.
1626 — 21 de Setembro, fl. 27, v.
1628 — 29 de Agosto, fl. 42, r.
1629 — 28 de Janeiro, fl. 45, v.
1631 — 21 de Novembro, fl. 40, r.
1638 — 25 de Março, fl. 48, v.
1643 — *Villa noua*, fl. 163, v.
1644 — *Villa noua*, fl. 164, r., com o seguinte assento:
«Aos 23 de dezembro faleceo ant.° pires da Palhassa(...) está enterrado no adro da igreia de Villa noua desta freiguisia».
1644 — *Villa noua*, fl. 179, r.
1644 — *Villa noua*, fl. 184, v.
1645 — *Villa noua*, fl. 165, r.
1647 — *Villa noua*, fl. 169, v., no assento que transcrevemos:

«Aos sete de ianeiro faleceu isabel Thome molher de Ant.° m.el de Villa noua(...) está enterrada dentro em aigreia de S. Pedro de Villa noua, desta freiguisia».

---

1) *É aqui que se encontram, em nossa opinião, algumas das citações mais antigas desta aldeia. Ao contrário do Boco, Ouca, Vila Nova, Pedricosa, Salgueiro, Tabuaço, etc, a Palhaça aparece muito poucas vezes citada, o que nos leva a concluir que deveria então ser um lugarejo quase sem importância. O Livro consta de:*
Baptismos — 1621 - 1654
Casamentos — 1643 - 1651
Óbitos — 1620 - 1637

2) *Na altura em que este trabalho foi feito ainda se encontram aí. Actualmente estão no Arquivo Distrital de Aveiro.*

Nos dois assentos seguintes, de 1647, sã ousadas as mesmas palavras:

1647 — *Villa noua*, fl. 170, v.: «(...) enterrado em o adro da igreia de Villa noua desta freiguisia».

1647 — *Villa noua*, fl. 171, v.: «esta enterrada em o adro da igreia de S. pedro de Villa noua desta freiguisia».

1648 — *Villa noua*, fl. 152, r.

1648 — *Villa noua*, fl. 181, r.

1650 — *Villa noua*, fl. 157, r. (no mesmo assento de casamento, faz-se referência a dois lugares: «*lugar de Villa noua*» e «*lugar da Palhaça*».

1652 — *Villa noua*, fl. 161, r.

Como se vê claramente, a *freiguisia* de que tanto se fala nos assentos, é a de Soza; a igreja com seu adro é a capela de S. Pedro, situada em *Villa Noua*, e que é tantas vezes citada. Os outros lugares, menos populosos, aparecem mais ramente:

b) O lugar da *Palhaça:*

1623 — 6 de Outubro, fl. 14, v.

1629 — 4 de Novembro, fl. 32, v., juntamente com Togeira e Villa noua no mesmo assento de batismo.

1643 — Palhace (sic), fl. 163, r., num registo em que se cita um homem natural deste lugar: «*o pernas da Palhace*».

1644 — *Palhassa*, fl. 164, r., no mesmo assento que já transcrevemos para *Villa noua:* «Aos 23 de Dezembro faleceo ant.° pires da Palhassa...»

1650 — *Palhaça*, fl. 157, r., «*o luguar da palhaça*», juntamente com «*o luguar de Villa noua*», no mesmo assento de casamento já transcrito.

c) O lugar da *Tojeira:*

1643 — *Togeira*, fl. 163, r.

1644 — *Togeira*, fl. 184, v.

Este lugar também nos aparece no «*Dicionário Geográfico Manuscrito*», de 1758, página 1715, já transcrita a cima, com a seguinte grafia: *Tojeyra* e *Togeyra*.

d) O lugar do *Albergue:*

1644 — *aluerque*, fl. 184, v.

No entanto, a forma *Alverque* (sic) aparece-nos também no «Dicionário Geográfico» de Cardoso, vol, 1, página 400, L.xa, 1747, como: «Aldea na Província da Beira, Bispado de Coimbra, Arcediagado de Vouga, Comarca de Esgueira, Termo da Villa de Aveiro, Freguesia de S. Miguel da Villa de Sora (sic): tem trezentos moradores».

Encontra-se também no «Dicionário Geográfico Manuscrito», vol. 35, pá-

gina 1714, juntamente com Carregosa e Fontão, que «pagavam foros e rações ao Convento de Jesus de Aveiro».

Com o decorrer dos anos, o Albergue, assim como a Tojeira que era um lugar de difícil acesso, pouco se desenvolveu. Pelo contrário, o lugar da Palhaça, com uma situação privilegiada, veio a progredir consideravelmente até dar o seu nome à própria freguesia, ultrapassando as possibilidades de Vila Nova, Tojeira e de qualquer outro lugar de que falámos.

* *

Esta freguesia parece-nos agora bastante progressiva. Rodeada de campos fertilíssimos, dotada de esplêndidas estradas e usufruindo das suas feiras e da sua situação, ela tem, nos últimos tempos, sobressaído dentre as suas irmãs vizinhas, conquanto a sua maior riqueza continue a ser a agricultura e as divisas da população emigrante que já se vai desinteressando pelo labor dos campos.

Por tudo isso, se tem notado, desde há muito, a fixação de pessoas vindas principalmente do norte, atraídas pelo engodo das feiras ou ainda pela certeza de encontrarem, nesta activa povoação, trabalho recompensador. Mas este aumento populacional trouxe consigo problemas de carácter social, pois logicamente se tem dado conta da formação de uma população heterogénea, com anseios muito diferentes e até maneiras de pensar e agir profundamente antagónicas. A sua população, todavia, continuou fielmente ligada aos princípios da religião católica, em contraste com algumas aldeias

Vista geral do cruzeiro de Vila Nova depois de restaurado

vizinhas em que o sopro protestante e racionalista aluiu os princípios ancestrais.

Para além de tudo quanto temos vindo a apresentar, o que haverá mais que seja digno de interesse histórico ou cultural para a freguesia da Palhaça ?

Além da igreja velha da freguesia, construída a partir da pequena Capela de S. Pedro e à volta da qual toda a história da povoação se concentra, pouco há a acrescentar. O monumento mais antigo da aldeia, que deve merecer o carinho e a estima de todos os palhacenses, é um *velho e modesto cruzeiro setecentista* (1733) que se encontra a uns duzentos metros a oeste da velha igreja paroquial, numa bifurcação em Vila Nova, e que está assente sobre uma peanha quadrangular de dois degraus, formado por uma coluna simples de pedra, encimada por uma cruz de ferro geminada. (1)

A Capela da invocação de Nossa Senhora do Rosário que pertence à família *Capão* — também chamada pelo povo *capela das Capoas*, por, durante certa altura da vida familiar, serem duas mulheres que orientaram os negócios da casa — essa capela, dizíamos, está muito ligada à história de uma das últimas grandes remodelações da antiga igreja paroquial.

Base do cruzeiro de Vila Nova, com a inscrição, indicando 1733 anos; o C inscrito à esquerda pode indicar o nomedo autor da obra.

---

1) *O cruzeiro foi restaurado há alguns anos e a cruz de ferro substituída por uma de pedra. Quer a cruz de ferro, quer a actual resultaram de reconstruções, visto que do antigo cruzeiro só existia a peanha com a sua coluna simples.*

Em que circunstâncias terá sido construída a capela, logo à saída do lugar da Palhaça e à entrada do lugar do Areeiro ? É de tradição familiar, aliás comprovada por pessoas que viveram na altura dos factos, que houvera necessidade

Fachada da chamada capela das Capoas no começo do lugar do Areeiro e quase em frente à igreja nova da Palhaça

de se restaurar a igreja. Ora a família Capão, considerada abastada, constituída por quatro irmãos solteiros e muito religiosos, dos quais só o mais novo veio a casar para deixar descendência, teria feito uma proposta à comunidade inteira com a qual, qualquer das partes em nada ficaria prejudicada : daria um terreno situado em frente da sua casa para a construção de uma nova igreja, arcando ainda com toda a despesa dos materiais de construção, mas exigia da parte do povo *o trabalho na edificação e os carretos dos materiais necessários.* Vila Nova ponderou os casos, viu que lhe fugiria aquilo que mais estimava e que considerava como razão de ser da população e a comunidade não aceitou a proposta. Nestas condições, a família proponente decidiu então erigir a sua capela particular e dotá-la de todos os requisitos necessários para a manutenção do culto, bem como de um capelão privado.

Cumpridos à risca os projectos e as intenções da família, a capela da Senhora do Rosário viria a servir, de 10 de Novembro de 1893 a 5 de Maio de 1894, de igreja paroquial durante as obras de restauração da igreja de Vila Nova e, por licença papal — Breve de Sua Santidade Leão treze, de 20 de Janeiro de 1895 — poderia conservar *in perpetuum* o Santíssimo Sacramento.

Nela se venera uma belíssima imagem de madeira de Nossa Senhora do Rosário, coroada, com o Menino ao colo e oferecendo o seu rosário de ouro a S. Domingos em plano inferior. Em pequenas peanhas laterais assentam duas outras imagens, também de madeira, que formam um conjunto harmonioso : do lado direito do altar, fica S. José com o Menino Jesus ao colo e o seu bordão de açucenas de prata — era muito mais lógica a existência de S. Joaquim ! Do lado esquerdo, Santa Ana tem nos seus braços Nossa Senhora com um livro aberto. Esta última imagem, pelo realismo facial da velha mãe da Virgem e pela harmonia do conjunto, é por nós reputada como uma peça de arte de grande valor.

O único *missal* existente na capela é uma edição de 1751 (1) de que já tivemos a necessidade de mandar restaurar a encadernação, gasta pelo uso e pela humidade. A *Custódia*, de prata dourada e estilo barroco, é interessante mas nada tem de especial.

De resto, a capela, formada por um só corpo, sacristia e quarto do capelão, possui coro e púlpito; o altar é de madeira pintada a branco e ouro puro que vai caindo aos poucos. Não tem qualquer estilo definido, pois é uma construção da segunda metade do século XIX, e, porque tinha uma finalidade prática imediata, pode considerar-se bastante pobre.

---

1) *«Missale Romanum», Ex Decreto sacrossanti Concilii Tridentini Restitutum, S. P. II V. Jussu Editum, Clementis VIII et Urbani Papae octavi Auctoritate Recognitum, et novis missis ex Indulto Apostolico hucusque concessis auctum. Antuerpiae, Ex Architypographia Plantiniana M. D. CC. LI..*

Capella do Arieiro

Foi principiada esta capella do Arieiro
no mez de julho do anno de mil oito cen
tos noventa e um pelo seu fundador Jo
se Simões Capão, e continuada a sua cons
trucção pelos seus irmãos João Maria e
Anna, sendo concluida e benzida pelo
reverendo Parocho Carrancho no dia 15 de
agosto do anno de 1892. Tem a invocação
de Nossa Senhora do Rozario, cuja Imagem
veio da officina Estrella do Porto e foi ben
zida pelo D. Américo. Serviu de Egreja
Paroquial desde o dia dez do mez de novem
bro do anno de 1893 até 5 de maio de 1894.
Sua Santidade Leão treze, por um Breve de
20 de janeiro de 1895 concedeu a licença de
n'esta capella se conservar in perpetuum o San
tissimo Sacramento.

* *

Os tempos, entretanto, foram rodando implacavelmente.

O homem põe e Deus dispõe. Uma comissão, considerando esses terrenos os mais centrais da freguesia, empreendeu, já nos nossos dias ,a construção da nova igreja da Palhaça — uma das mais modernas da região — no sítio exacto que lhe tinha sido destinado outrora por essa família.

Não há dúvida nenhuma de que a nova igreja de S. Pedro da Palhaça ocupa um lugar que oferece iguais vantagens a qualquer dos lugares da freguesia. Um só perdeu em comodidade: foi Vila Nova. Todos os outros vieram a lucrar.

Costumes da nossa aldeia

AS ALMAS

Se bem que o povo, na sua grande massa, não tivesse sido preparado nem esclarecido durante longo tempo para distingir o que é puramente religioso (católico) do que é totalmente profano, caindo ainda hoje em situações contraditórias que muitas vezes o aproximam do paganismo, o certo é que ele tem consciência dos valores positivos do Cristianismo, colocando-os em posição cimeira na maior parte das circunstâncias da sua vida.

Às necessidades gregárias juntam-se os valores superiores do espírito que, encaminhados pelo catolicismo, concentraram durante vários séculos, como fazem ainda na actualidade, todos os graves ou jubilosos problemas da sua vida à volta do presbitério e da Igreja paroquial. Teve desde muito cedo a consciência de comunidade para defesa de interesses gerais, uma vez que, se qualquer membro do corpo místico sofre ou é amputado, toda a colectividade se ressente. Descobriu por isso essa maravilha da comunicação dos Santos que é desconhecida em qualquer outra religião e que torna o Catolicismo a única verdadeira, porque mais bela, mais pura e mais santa na procura dos valores eternos do homem em geral.

Desta tomada de consciência não foi possível aqui a proliferação do ateísmo nem o protestantismo encontrou terreno propício para fazer a sua sementeira de racionalismo. Isto não quer dizer, todavia, que, a partir da implantação da República, esta zona do litoral português não se tornasse politicamente difícil e as ideias democratas avançadas e o protestantismo não causassem os seus estragos e não trouxessem as suas vantagens. Há muitas aldeias em que isso se pode confirmar; outras, felizmente, não se deixaram penetrar por essas estranhas novidades.

Houve, pois, razões para que assim acontecesse. De facto o tão espalhado e frequente culto prestado à Virgem, venerada em todas as igrejas e capelas da região, e a tradicional e bem organizada Confraria das Almas, existente em todas

as aldeias para sufragar as almas do Purgatório, foram elementos muito válidos e fundamentais na manutenção dos nossos ideais religiosos. (1)

A estas causas que alimentam, por meio de celebrações anuais, a Fé na vida do Além, em sufrágio pelas almas, junta-se uma outra devoção tão velhinha e tão caracteristicamente portuguesa: a existência, através de toda a região e ao longo dos caminhos, de pequenas capelas ou ermidas a que vulgarmente se dá o nome de «Alminhas», simpáticos templozinhos a chamar a atenção do viandante para a sua responsabilidade no contributo material ou espiritual para a salvação das almas que penam no Purgatório. A meritória campanha levada a cabo pelo Padre Francisco Babo para restauro de muitas dessas ermidas e cruzeiros em ruínas, bem como da construção de outras novas, é bem um contributo a destruir a ideia espalhada por Lord Byron de que cada lugar em Portugal onde se erguesse uma cruz representava um assassinato. Não podia compreender esse escritor inglês o significado de tais modestos monumentos, ermidas ou cruzeiros erigidos como símbolos de amor acrisolado à Fé.

Tanto quanto nos foi possível saber temos conhecimento, de que na aldeia da Palhaça, houve duas capelinhas dessas: uma chamada a capela das Martinsas *numa encruzilhada do Areeiro, — assim conhecida por pertencer a essa família — e que apresentava, sobre um pequeno altar, um painel de cor azul com as almas suportando as labaredas do fogo do Purgatório; outra, já arruinada, ao fundo da lareira do Roque a caminho de Aveiro, também com pequeno altar e Jesus crucificado, sem painel. Esta última, construída em terreno que veio a passar de dono, acabou por desaparecer às mãos do novo proprietário, o que constituiu, quanto a nós, lamentável perda, pois não era o pequeno espaço ocupado pelas «Alminhas» que viria a pesar nos possíveis proventos da propriedade! Mas cada um é dono do que é seu e pode fazer disso o que muito bem entende. (2)*

Para além do que temos vindo a expor neste capítulo, outras manifestações de fé e devoção às almas temos a considerar e não deixam de ter um sabor original e de revelar a convicção do nosso povo na salvação daquelas. O costume está relacionado com as atribuições da Confraria das Almas na angariação de fundos para as suas celebrações. Aliás, toda a devoção às almas está bem patente no modo como o povo das aldeias vive o Dia de Todos os Santos e dos Fiéis Defuntos, em Novembro.

Passemos então a esse interessante costume.

Havia, ainda não há muito tempo, um hábito curioso, cujo assunto era digno do maior respeito:

Pela Quaresma, alta noite, vinha um grupo de homens pedir para as Almas *e, programando as visitas durante várias noites e nos vários lugares da aldeia, procurava angariar fundos com a única finalidade de a* Confraria das Almas

---

1) Leia-se o livro do Padre Francisco de Babo «Alminhas» — Padrões de Portugal Cristão — 5.ª edição, Ermesinde 1968, pags. 39 - 42.

1) Reconsiderando, o proprietário mandou depois construir outras *alminhas* no mesmo lugar e lá continua o pequeno templo.

sufragar, por meio de missas, as almas dos familiares conterrâneos já falecidos.

Além de dinheiro, milho, trigo e outros produtos resultantes do trabalho da família, tudo esses homens aceitavam e levavam consigo.

Evidentemente que, em muitas dessas noites, a temperatura não era convidativa; apesar disso, não desistiam e o seu sacrifício revestia também pelas mesmas intenções.

Ora o dono da casa era quem normalmente se levantava para satisfazer esse dever, cuja esmola acrescentaria também em favor da salvação da sua própria alma. E não ficava por aqui; sempre ofertava também um bom copo de vinho da sua adega, um cálice de cachaça ou de jerupiga e, num caso ou noutro, uma talisca *de bacalhau com broa ou qualquer bolito. Como resultante do que se podia beber em várias casas , pode imaginar-se, portanto, esse grupo na sua actuação, cantando e fazendo um certo número de gestos que,* de grão na asa *com a* pinguita *ingerida, caía não raro no ridículo; por isso, e muito bem, esse costume foi acabando, mas não desapareceram as quadras nem a música que, nessa altura, se entoavam. (1)*

O grupo era formado por vários homens, dos quais três seguiam à frente : um no meio, com o painel das almas *representando estas surgindo, no meio do sofrimento, de entre as chamas do fogo do Purgatório; os outros dois, um de cada lado do painel, levavam uma lanterna acesa cada um; atrás, seguiam os outros que se prestavam ao transporte das esmolas recebidas.*

O grupo chegava à porta da casa e, com o painel voltado para ela, ajoelhava, cantando e rezando; mas como o grupo era constituído por duas partes, que cantavam alternadamente, uma delas respondia à outra.

Entretanto, o dono da casa, que já esperava por isso, levantava-se e vinha dar a esmola colaborando nas orações que, juntamente com a contribuição material, aliviariam as almas dos seus que já tinham desaparecido da terra.

Deste curiosíssimo e edificante costume coligimos duas terras diferentes, das quais a mais antiga apresenta duas músicas. A outra ,mais moderna, era acompanhada por instrumentos de corda e só era cantada nas encruzilhadas, aonde cada família mais próxima ia levar o seu contributo; note-se ainda que esta versão é muito mais curta do que a outra.

---

1) Só concordamos com o seu desaparecimento por causa das situações burlescas que se criavam. Ainda há muito pouco tempo se renovou este tipo de peditório.

OS REIS MAGOS (1)

Tem este assunto um particular interesse para o estudo do folclore e *de etnografia da região. São conhecidíssimos, através da Península Ibérica, e desde a Idade Média, as representações com base no Evangelho, particularmente sobre o nascimento de Cristo. Os* Autos dos Reis Magos *tiveram vida intensa em Espanha e em Portugal, onde certas localidades sobressaem ainda hoje em representações públicas com organização e montagem mais ou menos requintadas.*

A literatura portuguesa desde muito cedo documenta a existência de tais peças com maior ou menor valor original; a França foi rica na literatura dos Mystères *e a Espanha revigora o seu valor através de um conjunto de trabalhos, dentro os quais sobressaem as valiosíssimas opiniões de Valbuena Pratt na sua «Literatura Espanhola». Note-se, todavia, que para qualquer dos países citados o estilo e a linguagem reflectem sempre produções de carácter popular.*

Com a reconquista cristã da Península, todo o movimento sócio-político, ideológico e cultural com base no Cristianismo se exerce no sentido do norte para o sul. Assim se passou em Portugal, cuja fixação e colonização se observou na mesma direcção. Não nos admira então que certas práticas de fundo religioso, mas tendentes ao divertimento do povo ou à angariação de fundos para a fábrica de um mosteiro ou de uma igreja, tivessem como lugares de representação destas vividas peças de teatro, o norte do país.

Com efeito, os nossos etnógrafos como Leite de Vasconcelos, o Abade de Baçal, etc, recolheram espólio variadíssimo no Minho e Trás-os-Montes; é digna de interesse a inclusão do Auto dos Magos *na «Morgadinha dos Canaviais» de Júlio Dinis. Alexandre Herculano, dentro de um tema puramente histórico, inclui um também na sua narrativa «A Abóbada», a cuja representação assiste o próprio D. João I, no dia da inauguração do trabalho de Mestre Ouguet.*

Mas os «Autos dos Reis Magos», embora actualmente se representem todos os anos em algumas das nossas aldeias, durante as festas da Epifania, e aí mantenham vida constante, estão longe de ser oriundos da região. Foi sempre o norte do país que marcou a sua influência e daí resultou que as populações não souberam resguardar a simplicidade da visita dos Magos ao Menino e transformaram essas festas nuns autênticos cortejos pagãos, só aceitáveis pela finalidade com que se realizam e pela riqueza etnológica que apresentam.

Nem sempre o auto é representado; isto quer dizer que em muitas aldeias não temos «Os Reises», mas sim «As Pastoras». A diferença é só essa. Como a intenção é de angariar fundos para obras ligadas à paróquia, somente se realizam os cortejos de oferendas, com o mesmo colorido e com os mesmos

---

1) Com o título «*As Janeiras, as Pastoras e os Reis*», *publicámos nos* n.ºs 2 e 3 da revista «Aveiro e o seu Distrito» um trabalho em que apresentámos, além de vários autos colhidos nesta região, letras de cânticos com as respectivas músicas e várias fotografias alusivas à representação. Este trabalho, acrescentado e corrigido, foi destacado da nossa Dissertação de Licenciatura.

cânticos e as mesmas músicas. O povo diverte-se na mesma oferecendo, comendo e bebendo.

«As Janeiras», de que tanto se fala no norte e interior do país, não existem com o cunho característico do costume em si; o canto das Janeiras *adulterou-se na região por nós estudada, não só na intenção mas também na deslocação no tempo, isto é,* as Janeiras *podem ser realizadas em qualquer altura do ano, desde que haja casamentos; na verdade,* as janeiras *só se fazem na noite do dia do noivado e nelas tomam parte jovens (rapazes) que não foram convidados para o banquete e só assim podem tomar a sua quota parte nele, cantando e lançando foguetes ao novo casal.*

Não há, pois, nesta região, uma participação concordante com os três períodos das festas do fim do ano (Natal, Ano Bom e Reis) como acontece no norte de Portugal,quer seja no Minho ou em Trás-os-Montes, com particular interesse para a região de Bragança, visto que foi dentro desta separação das festas que Francisco Manuel Alves recolheu as suas preciosas informações (1).

Na nossa região, tudo se concentra à volta da grande festa do Natal, autêntica festa da Família, constituindo a representação dos Reis Magos *a festa generalizada da comunidade paroquial.*

---

1) Cf. «Memórias Arqueológica-Históricas do Distrito de Bragança», por Francisco Manuel Alves, tomo IX, pgs. 285 - 286 e 296 - 299.

«EM 1527 FOI REALIZADO O CADASTRO OU CENSO DA POPULAÇÃO DA ESTREMADURA, E NELE FIGURA VAGOS COM 100 VIZINHOS E MAIS 18 NO SEU TERMO; SOZA COM 40 VIZINHOS! AS AZENHAS DA LAVANDEIRA, BOCO E FAREJA COM 15 VIZINHOS.

NESSE MESMO CADASTRO FIGURA A MAMARROSA COM 14 VIZINHOS; A PALHAÇA (VILA NOVA DAS PALHOÇAS) E A PEDREIRA, RESPECTIVAMENTE COM 11 E 12 VIZINHOS.

É ESTE CADASTRO O DOCUMENTO MAIS CONCLUDENTE SOBRE A EXISTÊNCIA DA PALHAÇA E DA SUA IMPORTÂNCIA COMO AGREGADO POPULACIONAL NO SÉCULO XVI.»

(In A FREGUESIA DA PALHAÇA, pág. 40, 1969
— Manuel Simões Alberto)

Alguns aspectos da vida religiosa da freguesia da Palhaça ao longo da sua história

Os aglomerados populacionais que hoje constituem a freguesia da Palhaça foram criados Paróquia religiosa ou eclesiástica em 1804. Até então faziam parte da freguesia de Soza.

Bastante tempo antes daquela data, já se conhecem, no entanto, referências escritas às povoações da Palhaça e de Vila Nova. Assim, nos livros de Assentos de Baptismos da freguesia de Soza, consta que, em 1622, é baptizada uma criança cujos pais eram de «Villa nova», e em 6 de Outubro de 1623 é baptizada uma criança cujos pais eram da «Palhassa».

Não se conseguiram encontrar dados escritos que nos permitam saber a data precisa da criação da freguesia religiosa da Palhaça. Mas pode precisar-se o ano e o mês: Agosto de 1804. Isto pode deduzir-se dos dados fornecidos pelos Assentos de Baptismos da freguesia de Soza. Assim, no livro de registo de Baptismos daquela freguesia referentes aos anos de 1796 a 1844, lê-se na capa o seguinte: «N. B. — Os assentos de Baptismos do Lugar da Palhaça existem aqui até 7 de Agosto de 1804 — folhas 100 — começando a ser feitos os ditos assentos da Freguesia da Palhaça em 26 de Agosto do mesmo anno de 1804».

No livro de Assentos de Baptismo da freguesia da Palhaça — volume de 1804 a 1829 — lê-se, no princípio, o seguinte: «Os assentos d'esta freguesia anteriores a 1804 existem na freguesia de Soza, até folhas 100».

O último Baptismo de criança de lugares da actual freguesia da Palhaça, realizado na igreja paroquial de Soza, foi no dia 19 de Agosto de 1804. A criança baptizada foi António que nasceu no dia 13 desse mesmo mês e era filho de José Ferreira da Cruz e de Maria Ferreira, do lugar da Tojeira. O Sacerdote que administrou este Baptismo era um Coadjutor de Soza, de nome

Igreja Velha da Palhaça

Padre Manuel da Rosa Moutinho. Era então Reitor ou Páraco de Soza o Padre João Lopez (Lopes) da Silva.

O penúltimo baptizado, no dia 7 de Agosto, foi uma criança, de nome Francisco, filho de José Francisco «Canissais» e de «Magdalena» da Silva. O

Sacerdote que administrou este Baptismo foi também o Padre Manuel da Rosa Moutinho.

O primeiro Baptismo realizado na nova igreja paroquial foi a 26 de Agosto.

O assento ou registo deste primeiro Baptismo realizado na igreja da nova Freguesia da Palhaça diz o seguinte:

«Aos vinte e seis Dias do Mês de Agosto de mil outo sentos e coatro Baptizei solenemente e pus os Santos Óleos a Clara que nasceo a dezaseis do dito Mês filha legítima de António Ferreira Machoqueiro e de Maria Ferreira do Lugar do Roque e agora da Palhaça. Netta Paterna de Agostinho Gomes e de Maria Ferreira e Materna de João Simois Roza e de Gervásia Ferreira, todos do Lugar da Palhaça desta Nova freguezia de San Pedro de Villa Nova da Palhaça. Forão Padrinhos o Reverendo Padre João Simões, Clérigo, Diácono, do dito Lugar da Palhaça e da dita freguezia e Clara, solteira, filha de Agostinho Simois, Viuvo do Lugar de Nariz, freguezia de Requeixo, de que para constar fis este primeiro assento que signei. O Cura Parochial: Pedro Marcelino Ferreira».

O primeiro Casamento realizado na igreja da nova freguesia foi no dia 14 de Outubro de 1804. Este casamento foi de António Ferreira, filho de Joaquim Ferreira e de Maria de Jesus, do lugar do Roque, com Joana de Jesus, filha de Mário dos Santos e de Maria de Jesus do lugar da Palhaça.

Dado que o último Baptismo de criança pertencente a um lugar da actual freguesia da Palhaça se realizou no dia 19 de Agosto e o primeiro na «nova» igreja paroquial foi a 26 de Agosto, poderemos concluir que a criação da freguesia religiosa se deve situar entre 19 e 26 de Agosto de 1804.

Era então Bispo da Diocese de Aveiro D. António José Cordeiro.

1.º OS PÁROCOS DA FREGUESIA DA PALHAÇA

Na vida e na história dum povo cristão o Pároco é, entre outros, um factor que exerce influência considerável.

Ao serem publicados agora alguns subsídios para a monografia do povo da Palhaça, pareceu justo referir os nomes dos Sacerdotes que exerceram nesta comunidade humana e cristã a missão de Párocos, desde que ela foi constituída Freguesia religiosa ou eclesiástica.

A partir de 1804 começam a existir os livros de Registo ou de Assentos de Baptismos, Casamentos e Óbitos da paróquia de «Villa Nova da Palhaça» ou simplesmente, da «Palhaça».

Foi a partir dos Assentos de Baptismos, Casamentos e Óbitos que conseguimos reconstituir os nomes e a ordem dos Párocos da Freguesia da Palhaça.

1.º Pároco P. PEDRO MARCELINO FERREIRA

Administrou o 1.º Baptismo na igreja de S. Pedro da Palhaça (a igreja em Villa Nova) a 26 de Agosto de 1804, como consta do respectivo assento de Baptismo.

O P. Pedro Marcelino Ferreira foi Pároco entre Agosto de 1804 e Março de 1814 (último Baptismo: 31 de Março).

Faleceu a 11 de Junho de 1827 no lugar do Albergue. Era filho de Manuel Ferreira e de Fabiana Francisca, do lugar do Albergue. Foi sepultado numa das sepulturas contíguas ao arco do cruzeiro da parte sul da igreja paroquial da Palhaça (Vila Nova) como consta do seu assento de óbito.

O Pároco da freguesia era, nessa altura, o P. José Luiz Pinto de Miranda.

2.° Pároco PADRE JOÃO SIMÕES

Pároco em 1814: 6 de Abril: data do 1.° Baptismo que administrou; o último Casamento a que presidiu foi a 14 de Maio de 1814.

O P. João Simões era natural da Palhaça. Era Diácono na altura da criação da freguesia religiosa como consta do assento do primeiro Baptismo que foi realizado na igreja da nova paróquia conforme acima vem referido.

3.° Pároco PADRE ANTÓNIO JOSÉ DE FIGUEIREDO

Foi pároco de 1814 (17 de Julho é a data do primeiro Baptismo que administrou) a 1817 (a 4 de Dezembro preside ao último Casamento).

4.° Pároco PADRE JOÃO SIMÕES

Novamente Pároco da freguesia, de 1818 (a 1 de Julho realiza o primeiro funeral) a 1824 (em 28 de Novembro preside ao último Casamento).

5.° Pároco PADRE LUIZ JOSÉ PINTO DE MIRANDA

Pároco de 1824 (em 6 de Dezembro administra o primeiro Baptismo) a 1829 (a 25 de Fevereiro preside ao último Casamento).

6.° Pároco PADRE JOÃO SIMÕES

Novamente Pároco de 1929 (a 5 de Julho realiza o primeiro Baptismo) até 1836 (a 25 de Abril preside ao último Casamento).

Nota: — Nos nossos tempos não é normal o mesmo sacerdote ser pároco duma freguesia em três períodos distintos. O caso do P. João Simões explica-se devido ao facto de o Pároco ou Reitor de Soza ter o «direito» de apresentar» ou propor o pároco para a Palhaça. Todos os anos, pelo «mês do São João», devia apresentar ao Bispo da Diocese o nome do sacerdote que seria o pároco durante esse ano.

7.° Pároco PADRE JOSÉ DA SILVA MOREIRA

Foi Pároco de 1836 (a 20 de Outubro realiza o primeiro Baptismo) a 1868 (a 5 de Julho administra o último Baptismo).

Foi pároco durante perto de 32 anos. Era pároco «colado» da freguesia. Era filho de João da Silva Moreira e de Rosália da Cruz, naturais da Pedralva. Era Religioso egresso da Ordem dos Carmelitas Descalços. Faleceu no dia 9 de

Outubro, às três horas da manhã em Vila Nova, com 66 anos de idade. Foi sepultado na igreja paroquial da Palhaça (igreja de Vila Nova), como consta do assento do seu Óbito. Era Pároco nessa altura o P. Joaquim Rodrigues de Seabra.

8.º Pároco PADRE JOAQUIM RODRIGUES DE SEABRA

Foi Pároco durante muito pouco tempo: em 24 de Julho de 1868 faz o assento do primeiro Óbito e a 7 de Outubro do mesmo ano de 1868 administra o último Baptismo.

Era conhecido pelo «Padre Mestre» por ser o professor da primeira escola primária oficial criada na Palhaça em fins de 1868, que funcionava em frente ao cemitério actual.

9.º Pároco PADRE JOSÉ TAVARES PINHEIRO

Foi Pároco de 1868 (a 22 de Julho preside ao primeiro Casamento) a 1870 (a 18 de Dezembro administra o último Baptismo).

10.º Pároco PADRE JOÃO ALBERTO ÁLVARES DE MELO

Também este Sacerdote foi Pároco durante muito pouco tempo: durante o ano de 1871 (a 7 de Janeiro faz o primeiro Baptismo e, a 26 de Outubro, o último).

11.º Pároco PADRE JOSÉ AGOSTINHO FERREIRA

Foi Pároco de 1871 (a 26 de Novembro administra o primeiro Baptismo) a 1879 (a 22 de Outubro preside ao último Casamento).

12.º Pároco PADRE JOAQUIM COELHO

Também este Sacerdote foi Pároco durante pouco tempo: cerca de 1 ano (a 1 de Novembro de 1879 administra o primeiro Baptismo e a 19 de Outubro do ano seguinte, o último.

13.º Pároco PADRE MANUEL FORTUNATO DOS SANTOS CARRANCHO

Foi Pároco de 1881 (a 18 de Janeiro administra o primeiro Baptismo) a 1893 (a 14 de Dezembro administra o último Baptismo).

Era natural de Ilhavo e está sepultado no cemitério da Palhaça.

A inscrição gravada na sua campa tumular diz que nasceu a 18 de Dezembro de 1839 e faleceu a 29 de Setembro de 1894.

14.º Pároco PADRE JOÃO FRANCISCO MOREIRA

Foi Pároco de 1894 (o assento do primeiro óbito é de 2 de Janeiro) a 1905 (a 9 de Agosto preside ao último Casamento).

15.º Pároco PADRE MANUEL FERREIRA FÉLIX

Foi Pároco de 1905 (o assento do primeiro óbito é de 10 de Agosto) a 1910 (a 14 de Novembro preside ao último Casamento).

16.° Pároco PADRE HENRIQUE SIMÕES CAPÃO

Foi Pároco durante pouco tempo: o assento do primeiro óbito é de 23 de Dezembro de 1910 e a 14 de Maio do ano seguinte administra o primeiro e último Baptismo.

Era natural da Palhaça.

17.° Pároco PADRE JOSÉ MARTINS

Foi Pároco de 1911 (desde 11 de Julho) a 1941 (até 6 de Setembro).

Foi pároco durante cerca de 30 anos.

Era também natural da Palhaça.

18.° Pároco PADRE MANUEL NUNES

Foi Pároco desde 6 de Setembro de 1941 até 14 de Janeiro de 1947. Foi depois pároco da Torreira e, por último, de Barrô. Faleceu no dia 6 de Abril de 1973, sendo pároco desta última freguesia.

Era natural de Ilhavo, filho de António Nunes e Rosa Joana Páscoa. Nasceu a 18 de Agosto de 1914 e foi ordenado Sacerdote a 15 de Agosto de 1941 na igreja paroquial de Águeda.

19.° Pároco PADRE MANUEL DE OLIVEIRA

É Pároco da freguesia desde 15 de Janeiro de 1947, isto é: há 30 anos.

Evocando os nomes dos Sacerdotes que, ao longo da história da freguesia, foram os Párocos, pretendemos recordar a sua acção aos nossos conterrâneos de hoje e deste modo, prestar-lhes uma homenagem, embora simples.

2.º SACERDOTES NATURAIS DA FREGUESIA DA PALHAÇA

Um dos índices da vitalidade cristã duma comunidade é o número dos sacerdotes que dela provêm.

Pareceu-nos, por isso, oportuno recordar os nomes dos sacerdotes naturais da Palhaça desde a criação da freguesia religiosa até hoje. Procurámos, para isso, recorrer a documentos escritos existentes e conhecidos que nos poderiam dar alguns elementos, nomeadamente os Livros de Assentos de Baptismos, Casamentos e Óbitos da freguesia da Palhaça e de Soza.

1.° — PADRE JOÃO SIMÕES CAPÃO («João Simois Cappam» como então se escrevia)

O nome do P. João Simões Capão é referido pela tradição oral das pessoas mais idosas da freguesia da Palhaça. A mesma tradição dá-o como tio do P. Manuel Simões Capão.

O nome do P. João Simões Capão é referido em vários assentos de Baptismos feitos na Palhaça. Assim, em 15 de Dezembro de 1805, pouco de-

pois da criação da freguesia, o P. João Simões Capão baptiza na igreja paroquial da nova freguesia, (a igreja de Villa Nova) uma criança de nome Tomé, filho de Miguel Rodrigues e de Josefa dos Santos. Era então pároco da freguesia o P. Pedro Marcelino Ferreira. Em 23 de Novembro de 1806 novamente o P. João Simões Capão baptizou Feliciano, filho de José Nunes e de Joana. Era pároco o mesmo Padre Marcelino Ferreira. Em 10 de Fevereiro de 1808, o P. João Simões Capão baptizou Pedro, filho de José Simões Capão e de Inês da Silva. No assento de Baptismo desta criança se diz que o Padre João Simões Capão era «Cura» (isto é, Capelão) do lugar de Nariz (então pertencente à freguesia de Requeixo) e do lugar da Palhaça desta mesma freguesia. Foi padrinho desta criança o Pároco, P. Pedro Marcelino Ferreira. Em 21 de Agosto de 1808 o P. João Simões Capão baptizou Manuel, filho de Manuel Nunes e de Maria Nunes, do lugar do Arieiro. Neste assento novamente se diz que o P. João Simões Capão era «Cura Coadjutor do lugar de Nariz, freguesia de Requeixo. Em 22 de Agosto de 1809 baptizou uma criança de nome Joaquim. Nesse assento se diz que o P. João Simões Capão era do lugar da Palhaça.

Pela lista dos Sacerdotes que foram Párocos da freguesia da Palhaça, acima apresentada, se pode concluir que o P. João Simões Capão nunca foi Pároco da Palhaça. Por isso está errada a informação dada por Manuel Simões Alberto no seu livro «A Freguesia da Palhaça» de que o P. João Simões Capão foi pároco da Palhaça «durante alguns anos» (pág. 54).

O P. João Simões Capão faleceu no dia 16 de Novembro de 1859, como consta do livro de Assentos de Óbitos da freguesia da Palhaça — volume de 1854 a 1859 — existente actualmente na Conservatória do Registo Civil de Oliveira do Bairro. Era pároco da freguesia nessa altura o P. José da Silva Moreira que lavrou o assento de óbito. No livro de Assentos de Óbitos referentes a 1839 não consta o falecimento do P. João Simões Capão.

Deste modo, a informação dada também por Manuel Simões Alberto no seu livro já referido, a pág. 54, de que o P. João Simões Capão faleceu no dia 28 de Junho de 1839, é igualmente um erro.

Quanto à sua filiação e data de nascimento, não encontrámos dados claros. No entanto no livro de Registos de Baptismos da Freguesia de Soza, há um assento referente a um João, filho de Manuel Simões e de Joana Martins, do lugar da Palhaça. Este João nasceu a 31 de Outubro de 1779 e foi baptizado no dia 7 de Novembro do mesmo ano.

Tendo em conta que

- *em 1805 o P. João Simões Capão já era Sacerdote;*
- *para ser ordenado Sacerdote devia ter, pelo menos, 20 anos de idade;*
- *num período de mais de 20 anos, anterior a 1780, não se encontra nenhum Baptismo de «João» que seja filho de Manuel Simões Capão e de Joana Martins,*

somos levados a concluir que é este João, filho de Manoel Simões e de Joana Martins que mais tarde seria o P. João Simões Capão, embora o nome do pai seja referido apenas como Manoel Simões sem o apelido de Capão. Aliás, nesta

altura, é frequente encontrar-se a indicação de nomes incompletos de pessoas, nomeadamente no que se refere aos apelidos. Se, no referido registo de Baptismo do «João» o nome do pai é indicado apenas como «Manoel Simões» mais tarde, no registo do Baptismo do P. Manuel Simões Capão se diz que este é neto paterno de Manuel Simões Capão e de Joana Martins. Este dado confirma a nossa dedução e conclusão de que o P. João Simões Capão nasceu no dia 31 de Outubro de 1779 e era filho de Manuel Simões Capão e de Joana Martins, a que se refere o citado assento de Baptismo.

2.º — PADRE JOÃO SIMÕES

Quanto a este P. João Simões apenas conseguimos saber o seguinte:

1. em 1804 era Diácono e natural da Palhaça, como consta do Assento do primeiro Baptismo realizado na nova igreja paroquial, acima referido, em que ele é o padrinho da criança;

2. Foi Pároco da Palhaça por três vezes distintas.

Procurámos saber de quem era filho e a data do seu nascimento. Por método idêntico ao adoptado para o caso do P. João Simões Capão, fomos levados a concluir que diz respeito a ele o assento de Baptismo de «João», filho de Manoel Ferreira e de Maria Simões, da Palhaça, que consta do livro de registos de Baptismo da freguesia de Soza, relativos ao ano de 1778. Neste assento se diz que este «João» por necessidade foi baptizado em casa por João da Silva Ventura, do dito lugar da Palhaça». No assento em referência, o Pároco de Soza, P. Luiz Teodósio de Almeida da Costa, declara: «a quem examinei e achei ter feito válido o Sacramento». Depois refere que no dia 9 de Novembro desse mesmo ano (1778) ele «fez» os exorcismos e pôs os santos óleos», ou, como diríamos hoje, completou as cerimónias do Baptismo. São referidas como testemunhas deste acto suplementar do Baptismo, o Padre António do Sacramento Brito e o P. João Moreira, da «Villa de Soza». Não é dito em que dia nasceu a criança.

Tendo ainda em conta que era costume as crianças serem baptizadas dentro de oito dias após o nascimento, somos levados a concluir que o P. João Simões terá nascido nos primeiros dias de Novembro de 1778, e que era filho de Manuel Ferreira e de Maria Simões. O seu apelido ou sobrenome «Simões» tê-lo-ia recebido da mãe e não do pai, o que também era frequente nessa altura.

3.º — PADRE JOAQUIM SIMÕES CAPÃO

No dia 28 de Agosto de 1828 nasceu uma criança de nome Joaquim, filho de José Simões Capão e de Josefa Ferreira. Foi baptizada no dia 7 de Setembro do mesmo ano.

Não foi possível encontrar documentos escritos em que nos possamos basear para afirmarmos que este Joaquim Capão era Sacerdote. Os documentos onde constaria a indicação da Ordenação sacerdotal de Joaquim Simões Capão

existiam na Cúria da Diocese de Aveiro (1.º período da existência da Diocese de Aveiro — 1773 a 1882 —) que terão ardido no incêndio do Paço Episcopal no dia 20 de Julho de 1864 ou terão desaparecido quando a Diocese foi extinta, em 1882.

Mas a tradição oral, quer da família Capão quer de outras pessoas da terra, refere a existência dele como padre, tendo saído da Palhaça e ido, muito novo, para o «Alentejo» donde não mais regressou nem deu notícias. Era sobrinho paterno do P. João Simões Capão, e tio paterno de José Simões Capão, pai do Dr. António Capão.

4.º — PADRE MANUEL SIMÕES CAPÃO

Nasceu no dia 18 de Abril de 1845 e foi baptizado a 25 de Abril do mesmo ano.

Era filho de Joaquim Simões Capão e de Maria Martins, do lugar da Palhaça. Era neto paterno de Manuel Simões Capão e de Joana Martins.

Era então Pároco da Palhaça o P. José da Silva Moreira.

Estes dados constam do assento do seu Baptismo.

Faleceu a 12 de Janeiro de 1890 com 43 anos de idade, conforme consta do assento do seu óbito.

Era sobrinho do P. João Simões Capão e primo do P. Joaquim Simões Capão.

5.º — PADRE JOÃO FRANCISCO MOREIRA

Foi ordenado Sacerdote em 26 de Julho de 1891 por D. Manuel Correia de Bastos Pina, Bispo de Coimbra, como consta do Livro de Ordenações da Diocese de Coimbra.

Outras funções que exerceu, além de pároco da Palhaça: foi também pároco da Mamarrosa, de Agosto de 1905 a Novembro de 1909.

6.º — PADRE JOSÉ MARTINS

Nasceu no dia 14 de Julho de 1874 e foi baptizado no dia 21 do mesmo mês e ano. Era filho de Manuel Martins Tanoeiro e de Maria de Jesus.

Foi ordenado Sacerdote no dia 9 de Julho de 1899 por D. Manuel Correia de Bastos Pina, como consta do Livro de Ordenações da Diocese de Coimbbra.

Outras funções que exerceu, além de pároco da Palhaça:

— entre 1899 e 1906 foi Capelão da Palhaça, da Mamarrosa e de Malhapão;

— a partir de 10 de Maio de 1906 foi Pároco da Vacariça;

— a partir de 21 de Março de 1910 foi Pároco de Vila Nova de Monsarros;

— a partir de 11 de Julho de 1911 foi Pároco da Palhaça e também pároco de Bustos e de Nariz durante 4 anos;

— a 6 de Setembro de 1941 deixa de ser pároco da Palhaça.

— Faleceu a 7 de Setembro de 1943.

7.º PADRE HENRIQUE SIMÕES CAPÃO

Filho de Francisco Ferreira Rebolo e de Maria Martins. Neto paterno de, Francisco Ferreira Rebolo e de Josefa Maria. Neto paterno de Joaquim Simões e de Maria Martins.

Data de Nascimento: 12 de Setembro de 1877 «às oito horas da noite», no lugar do Roque. Data do Baptismo: 23 de Setembro de 1877. Data da Ordenação Sacerdotal: 8 de Julho de 1901, por D. Manuel Correia de Bastos Pina, Bispo de Coimbra.

Funções que exerceu:

— *Coadjutor da Mamarrosa: de 7 de Janeiro de 1909 a 10 de Junho de 1909;*

— *Pároco da Palhaça: de 23 de Dezembro de 1910 a 16 de Julho de 1911;*
Data de morte: 27 de Fevereiro de 1914.

8.º — PADRE MANUEL FERREIRA GERALDO

— *Data do Nascimento: 6 de Novembro de 1882;*

— *Era filho de: José Ferreira Geraldo e de Joana Vieira.*

— *Data da Ordenação Sacerdotal: 11 de Agosto de 1907.*

Funções que exerceu:

— *de 14 de Setembro de 1907 a 12 de Janeiro de 1938: Coadjutor da freguesia de Souto da Carpalhosa (Diocese de Leiria);*

— *de 13 de Janeiro de 1938 até 4 de Março de 1965: Pároco de Souto da Carpalhosa.*

— *Data da morte: 4 de Março de 1965.*

9.º — PADRE HORÁCIO FRANCISCO CURA

Pais: Joaquim Francisco Cura e Anunciação Vieira.

Data do Nascimento: 7 de Novembro de 1921.

Data da Ordenação Sacerdotal: 21 de Dezembro de 1946, na Catedral de Aveiro, por D. João Evangelista de Lima Vidal.

Funções que exerceu:

— *de 13 de Janeiro de1947 a 28 de Setembro de 1949: Pároco de Agadão e de Belazaima do Chão.*

— *de 29 de Setembro de 1949 a 24 de Outubro de 1955: Pároco de Avelãs de Cima e de Avelãs de Caminho;*

— *de 25 de Outubro de 1955 a 4 de Novembro de 1959: Coadjutor do Bunheiro;*

— *de 17 de Novembro de 1959: Pároco de Frossos;*

— *28 de Junho de 1965: simultâneamente pároco «interino» de Angeja;*

— *30 de Dezembro de 1965: deixa de ser pároco de Angeja;*

— *21 de Novembro de 1967: é também pároco de S. João de Loure;*

— *6 de Julho de 1974: deixa de ser pároco de S. João de Loure.*

10.º — PADRE JOSÉ MARTINS BELINQUETE

Pais: Manuel Martins Belinquete e Maria Martins Geraldo.

Data do Nascimento: 2 de Fevereiro de 1931.

Data da Ordenação Sacerdotal: 3 de Julho de 1955, na igreja paroquial de Avanca, por D. João Evangelista de Lima Vidal.

Funções exercidas:

— 5 de Outubro de 1955: Secretário Diocesano da Catequese e da Obra das Vocações Sacerdotais;

— de 26 de Fevereiro de 1956 a 18 de Janeiro de 1959: foi também pároco de Travassô;

— de 3 de Novembro de 1959: é também Assistente diocesano da Caritas;

— 8 de Setembro de 1961: deixou de ser Secretário Diocesano da O. V. S.;

— 29 de Setembro de 1970: foi para Paris para se especializar em Catequética;

— 7 de Junho de 1972: regressou a Aveiro, depois de ter concluído a Licenciatura em Teologia pelo Instituto Católico de Paris e «Maitrise» (isto é Licenciatura) em Catequética pelo Instituto Superior de Pastoral Catequética do mesmo Instituto Católico de Paris, com a classificação de «magna cum laude» e a especialização em «direcção de serviços de pastoral catequética» e também em «Deficientes ou Inadaptados».

11.º — PADRE MÁRIO FERREIRA BACALHAU

Pais: Manuel Francisco Bacalhau e Mariana Ferreira.

Data do Nascimento: 9 de Abril de 1936.

Data da Ordenação Sacerdotal: 1 de Janeiro de 1961, na igreja nova da Palhaça, por D. Domingos da Apresentação Fernandes.

Funções que exerceu:

— 29 de Julho de 1960: Professor no Seminário de Calvão;

— 21 de Março de 1962: Provisoriamente encarregado da paróquia da Glória (Sé), continuando praticamente como Coadjutor;

— 3 de Fevereiro de 1964: Nomeado Coadjutor da Glória;

— 4 de Novembro de 1966: Nomeado pároco «interino» da Glória;

— 16 de Agosto de 1967: Deixou de ser pároco da Glória para ir frequentar um Curso de Pastoral em Madrid;

— 30 de Setembro de 1967: Partiu para Madrid para frequentar o Curso de Pastoral no Instituto de Pastoral;

— em Setembro de 1968: Foi para Lisboa para trabalhar no Secretariado da Informação Religiosa.

3.º SEMINARISTAS NATURAIS DA PALHAÇA

Desde a restauração da Diocese de Aveiro em 1938, vários rapazes frequentaram o Seminário.

Alguns deles chegaram ao sacerdócio; outros decidiram optar por outros

caminhos. Em qualquer deles se pode encontrar o ideal de realização pessoal e ser-se útil aos outros.

Aqui registamos os seus nomes.

1935-36: 1.° ano; no Seminário de Coimbra: 1939-40: no Seminário de Aveiro

— Horácio Francisco Cura (Padre)

1938-39: 1939-40 (2.° ano):

— Manuel Moreira Melo

1942-43:

— José Martins Belinquete (Padre)

1943-44:

— Manuel Martins Belinquete

1944-45:

— Fernando Simões Capão

1948-49:

— Manuel Simões Mota

— Mário Ferreira Bacalhau (Padre)

1957-58:

— Dário Manuel de Jesus Lourenço

1960-61:

— Manuel Augusto Ferreira Cura

1962-63:

— Lourenço Martins dos Santos

— Manuel Marques Martins

1966-67:

— Manuel Eduardo Simões Vieira Arroz

1970-71:

— Carlos Alberto Capão Lourenço

— Jorge Manuel Martinho da Silva

— Arsénio Jorge Martins

4.º PRÁTICA DOMINICAL

No dia 6 de Fevereiro de 1977, foi feito, em todo o País, o recenseamento da «prática dominical». A «prática dominical» é um índice da vida cristã duma comunidade.

O recenseamento feito na freguesia da Palhaça deu o seguinte resultado:

Foram celebradas duas missas nesse dia, como é habitual aos domingos. O número de pessoas que participaram na missa foi de 938. Considerando que o número de habitantes da freguesia com mais de 6 anos de idade, segundo o recenseamento de 1970, era de 1.595, houve uma percentagem de 58,8% de participantes em relação aos habitantes.

Esse número de pessoas que participaram na missa nesse domingo era assim distribuído: de 7 a 14 anos: 237; 15 a 24: 152; 25 a 39: 129; 40 a 54: 185; 55 a 69: 168; com 70 anos ou mais: 67.

Quanto à profissão dos participantes: operários: 113; que trabalham no campo: 486; outras profissões: 93; participantes com curso médio ou superior: 5.

O número de pessoas que comungaram foi de 245.

O resultado quanto ao conjunto das freguesias do concelho de Oliveira do Bairro foi o seguinte: 24,7% da população participou na missa do domingo.

A percentagem do conjunto das freguesias da Diocese de Aveiro foi de 38,4%.

Aveiro, 11 de Dezembro de 1977.

P. José Martins Belinquete

«O SENHORIO DE SOZA EXTINGUIU-SE ASSIM COM O 3.º DUQUE DE FAFÕES, ANTES DA PALHAÇA SE HAVER SEPARADO DE SOZA E SE TORNAR FREGUESIA ECLESIÁSTICA, INDEPENDENTE E AUTÓNOMA EM 1804. O CONCELHO DE SOZA, A QUE A PALHAÇA PERTENCEU, FOI EXTINTO COM A REFORMA ADMINISTRATIVA DE 1853, EM QUE A FREGUESIA PASSOU PARA O CONCELHO DE VAGOS E A DA PALHAÇA PARA O DE OLIVEIRA DO BAIRRO, QUE HAVIAM SIDO CRIADOS PELA MESMA REFORMA.»

(In A FFREGUESIA DA PALHAÇA, págs 44-45, 1969 — Manuel Simões Alberto)

Centro Paroquial da Palhaça

— Aspectos Históricos

A freguesia da Palhaça pode, justamente, orgulhar-se de contar com um dos melhores conjuntos paroquiais do distrito de Aveiro. Com efeito, excepção feita a S. Bernardo, Ilhavo, Pardilhó, Águeda e Vera-Cruz, não se vislumbra na nossa região nenhuma outra freguesia que possua algo que possa assemelhar-se ao maravilhoso conjunto que, na nossa terra, reúne a Igreja Nova, a Residência e o Centro Paroquiais.

A necessidade de tão vultuoso empreendimento justificava-se pelas reduzidas dimensões da Velha Igreja de Vila Nova e pelo deficientíssimo estado de conservação em que se encontrava a, também, velha casa, que servia de residência paroquial.

Deste modo, lançada a ideia e dada a extraordinária adesão de todos os palhacenses, passou-se à concretização da mesma. Estava em marcha o maior empreendimento, já levado a cabo na Palhaça e que viria a custar à freguesia cerca de três mil contos.

O projecto inicial incluia, portanto, a construção da Nova Igreja, da Residência Paroquial e ainda de um pequeno salão, destinado ao serviço paroquial. Porém, a generosidade do Padre José Belinquete viria a provocar a alteração deste projecto. Efectivamente, oferecendo o terreno necessário, este benemérito palhacense faria com que se abandonasse a primitiva ideia da construção de um pequeno salão e se pensasse, muito seriamente, na edificação de um verdadeiro Centro Paroquial, para o que existiam, já, algumas ofertas monetárias.

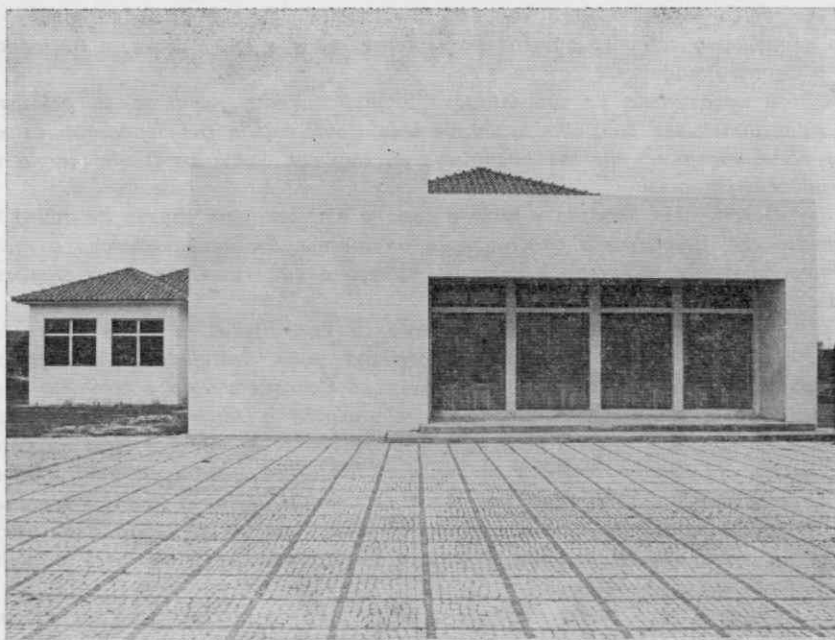
Assim, passando uma vez mais, da ideia à acção, o Padre Mário Bacalhau encarregou-se de elaborar o esboço que viria a servir de base à planta do actual edifício.

Logo de seguida, foi entregue a empreitada da primeira fase da construção ao Manuel Carvalho que, curiosamente, ergueu a sua primeira grande obra. Estávamos, então, no ano de 1968.

Erguidas as paredes e coberto o edifício, passou-se à fase de acabamentos, de que se encarregou o Senhor Luís Apolinário.

A obra só viria a ser dada por concluída no ano de 1973, tendo custado à freguesia cerca de quinhentos e cinquenta contos.

Relativamente às actividades desenvolvidas no Centro Paroquial, elas são múltiplas e variadas. É evidente que, sendo construído tendo em consideração o serviço paroquial, a principal actividade é a catequese, não só dominical, como semanal. No entanto, muitas outras ali são desenvolvidas, sendo da referir as reuniões de grupos de jovens, as reuniões de pais e as reuniões de casais; o desporto também lá tem o seu lugar, representado principalmente pela modalidade de ténis de mesa, para o que dispõe de uma boa mesa, oferecida por um grupo de amigos; já, por várias vezes, o salão maior tem sido utilizado na exibição de peças de teatro, levadas à cena por grupos de amadores não só da Palhaça, como de localidades vizinhas; o cinema ambulante já ali tem feito sentir a sua presença e mais de uma vez pudemos registar, com muito agrado, a passagem pelo mesmo salão, de grupos corais como o Orfeão de Vagos e o Orfeão da Fábrica da Vista Alegre. Numa das salas existe, já, uma biblioteca com razoável número de boas obras que, esperamos, cresça rapidamente, de modo a proporcionar, a quem o deseje, a possibilidade de se cultivar, lendo.

E de tal modo as suas actividades se têm multiplicado, que todas as

Centro Paroquial da Palhaça

salas têm, neste momento, utilização polivalente. Este facto, leva-nos a concluir que, embora de construção recente, o Centro Paroquial se encontra, dimensionalmente, já desactualizado. Se tivermos ainda em conta que uma das ideias que presidiu à elaboração da planta era a implantação de um jardim infantil, maior se nos afigura a sua exiguidade actual.

Aproveito, aqui, para lembrar que, embora por variadíssimas razões a ideia do jardim infantil nunca se tinha concretizado, ela não deve ser votada ao esquecimento. Numa altura em que, cada vez mais, as mães abandonam o lar para trabalharem fora dele, parece-me o momento ideal e exacto para a activar. É claro que as dificuldades são muitas, mas não intransponíveis. Referindo-me, apenas, à exiguidade do próprio edifício, esta seria facilmente ultrapassada se o mesmo fosse dotado com um primeiro andar, o que não será difícil, se a freguesia o desejar.

Outra ideia expressa na planta do edifício era a implantação, em terreno deixado vago para o efeito, de um parque infantil que, igualmente, ainda não passou disso mesmo : de ideia. Será que uma freguesia que ergueu obra tão grandiosa, não tem capacidade económica para efectivar uma ideia tão pouco onerosa ? As crianças bem o merecem e a alegria que sentiriam na utilização de algo, tão do seu agrado, justifica plenamente um pequeno esforço nesse sentido.

Resta focar a actividade que, depois da catequese, foi a primeira a desenvolver-se no Centro Paroquial : a Telescola. Efectivamente, quando em 1969 o Professor Valter Nogueira requereu a criação do posto da Telescola, para a Palhaça, como a escola não dispusesse de condições mínimas para o efeito, devido ao seu péssimo estado de conservação, foi o Centro colocado à disposição, para esse fim, assegurando, desta maneira, a criação do mesmo. Foi também o Centro que, em virtude de ainda não dispor de material mínimo, obteve da Fundação Calouste Gulbenkian um subsídio destinado à compra do material indispensável ao funcionamento do posto. Este funcionou ali durante três anos e, como a escola fosse, entretanto, restaurada, e o posto oficializado, foi para lá transferido.

Ironicamente, foi este posto da Telescola que, através de uma pseudo comissão de pais, sem qualquer existência legal e perfeitamente orquestrada por indivíduo que nunca contribuiu para a existência do Centro, motivou a escrita de uma triste página da história da Palhaça : a ocupação do Centro Paroquial, na noite de 10 de Outubro de1975 (a data é significativa) .

Desocupado, no entanto, dois dias depois, ainda esteve ao serviço da Telescola até Dezembro do mesmo ano, data a partir da qual o Centro tem sido utilizado, exclusivamente, nas actividades já mencionadas.

Para finalizar e mesmo sem estar mandatado para tal, em nome das crianças da freguesia da Palhaça, quero aqui deixar expresso um apelo, dirigido a todas as pessoas de boa vontade, da nossa terra : que o jrdim infantil, dotado do seu parque, seja dentro de muito breve mais uma maravilhosa realidade. Só desta maneira, poderemos considerar inteiramente realizada a obra para que foi idealizado o nosso CENTRO PAROQUIAL.

HORÁCIO PIRES

Palhaça no Ano de 1977

Abordar este tema na sua generalidade, embora procurando uma certa especificação, não é tarefa nada fácil, dada a sua vastidão.

Tentarei no entanto fazê-lo de modo tão correcto e exacto quanto possível, para que deste trabalho resulte uma razoável «radiografia» da Palhaça actual. Fá-lo-ei, como é meu propósito e dever, obedecendo sempre e exclusivamente ao imperativo de «bem servir» não só este rincão que me viu nascer, mas também as suas gentes, e jamais norteado por quaisquer outros «motivos ou interesses».

Fá-lo-ei, porque me parece que, nesta caminhada galopante do dia a dia, urge que cada um de nós, cidadão deste naco bairradino, se detenha e integre nas suas realidades, de molde a podê-las perspectivar objectivamente em termos de futuro. Será, esta talvez a única maneira de não sermos ultrapassados pela evolução constante e relâmpago do mundo de hoje. Evolução que também atinge a nossa terra e que, portanto, não se compadece nem se detém perante comodismos, caprichos ou indiferenças.

É fundamental, pois, que cada um se situe correctamente nos factos reais do seu «habitat». Urge, pois, que cada Palhacense, digno desse nome, nesta terra de S. Pedro da Palhaça, assuma a sua responsabilidade, não esquecendo jamais que é a cada um de nós em particular e a todos em geral que cabe fazer a história da Palhaça, legando aos nossos vindouros uma aldeia bem enquadrada e lançada na senda do progresso.

Antes, no entanto, e de maneira sucinta, de fazer uma análise sobre a actualidade, recuarei um pouco no tempo, procurando situar-me, ainda que muito ligeiramente, nos primórdios desta freguesia.

A Palhaça, que durante alguns séculos, fez parte integrante da então vila e hoje freguesia de Soza, libertou-se desta tutela em 1804, ao que se supõe, graças à PROVISÃO de D. António José Cordeiro, que governou a Diocese de 1800 a 1813, tendo em 1851, pela REFORMA ADMINISTRATIVA, ficado a fazer parte do concelho de Oliveira do Bairro.

Actualmente a Palhaça, que não menos propriamente se pode chamar de freguesia de Vila-Nova da Palhaça, pertence administrativamente ao concelho de Oliveira do Bairro e distrito de Aveiro, e encontra-se integrada na comarca de Vagos e Bispado de Aveiro.

Localizada no extremo oeste do concelho, é limitada a norte por Nariz, freguesia do concelho de Aveiro, a sul por Bustos e a leste por Troviscal e Oiã, freguesias do concelho de Oliveira do Bairro e a oeste por Soza e Ouca, freguesias do concelho de Vagos.

Topograficamente, a Palhaça é constituída por um planalto de terras aráveis e bem produtivas. Face a esta fecundidade do solo, não admira que, ainda hoje, a principal actividade das «gentes da Palhaça» seja a agricultura que, no entanto, e por diversos factores, ainda não atingiu aquele incremento que é necessário e desejável. Com efeito, o demasiado fraccionamento das terras; alguns tradicionalismos que urge ultrapassar; a falta de técnicos e sobretudo a carência de planificação e apoio governamentais, são, entre outras, algumas das condicionantes que limitam demasiado o progresso e actualização da agricultura, que agora parece querer arrancar em termos de mecanização, beneficiando dos bons acessos que rasgam toda a freguesia.

Ora este estado da agricultura, exemplo afinal de uma agricultura não reconvertida a nível nacional, estrangula até certo ponto o desenvolvimento local.

Efectivamente, este também é travado pelo quase nulo incremento industrial e comercial, mais aquele do que este. Na realidade, ontem como hoje, a Palhaça teima em manter-se na cauda das freguesias do concelho nesta matéria, por diversos factores, que talvez não sejam totalmente alheios à própria freguesia. Até quando, perguntamos nós, se manterá este sono?

Não fora a Palhaça desfrutar de alguns trunfos consideráveis e talvez fosse mais uma freguesia, como tantas outras, esquecida no meio do mundo rural do nosso País.

Na realidade, a sua localização geográfica, permite-lhe uma posição confortável no domínio das ligações rodoviárias — Aveiro-Coimbra e Vagos-Águeda — e portanto não só um contacto fácil e permanente bem como necessário, com zonas evoluídas, mas também ser atravessada por intenso tráfego, que contribui para um apreciável desenvolvimento comercial local e para emprestar uma movimentação acentuadamente viva.

Por outro lado, e num concelho cujos recursos monetários e humanos a nível da edilidade concelhia são cada vez mais insuficientes, a Palhaça dispõe de mercados bi-mensais — dias 12 e 19 — que pela sua projecção e envergadura, não só os tornam famosos na zona como são a principal fonte de receita da entidade administrativa local, sem que, no entanto, sejam suficientes de, só por si, garantirem a realização e satisfação de todas as ambições e necessidades do seu povo.

Poder-se-á também apontar, e com toda a justiça, a emigração, cujas causas não cabe aqui dissecar, como responsável por uma agradável transfiguração do aspecto desta freguesia, possibilitando novas construções, sinónimo de razoabilidade nas condições de vida social.

No entanto, e apesar de muitas dúvidas e interrogações actuais, a Palhaça denota um esforço de crescimento harmonioso, através da participação organizada e consciente de todas as estruturas da Família Local. *Por outro lado, quem de direito e de dever também se tem esforçado por dinamizar e incentivar tais estruturas, defendendo sempre que todos têm graves responsabilidades, numa freguesia que é e terá de ser de todos, e jamais «coutada» de alguns.*

E assim apareceram, graças a esforços conjugados, novos estabelecimentos de ensino, a construção de um pavilhão da Tele-Escola e de uma escola primária, são realizações que demonstram no presente e projectam para o futuro, todo o esforço daqueles que realmente amam a sua terra e desejam e lutam pelo seu engrandecimento global.

O nascer de uma organização sócio-cultural — ADREP — é também um sintoma de que a juventude sabe e quer assumir conscientemente, apesar das suas naturais irreverências, um papel bem vivo na vida local.

A existtência de grupos de leigos, jovens e casais, criados no prolongamento indispensável dos ensinamentos da Igreja Católica, são outra realidade bem sensível e palpável que tem contribuído de maneira irrefutável, embora com todos os defeitos inerentes à condição humana, para uma imagem e adaptação mais correctas da Igreja ao mundo de hoje, aliás de harmonia com as directivas saídas do Concílio Vaticano II.

Em suma, é um facto evidente: a evolução da Palhaça continua, embora por vezes prejudicada por questões de política local e não só, questões que, pela sua mesquinhez, nada resolvem, mas apenas servem para fazer sossobrar as melhores vontades postas ao serviço da comunidade.

No entanto, muito há ainda que realizar. As carências são enormes. Se todos se unirem, se o povo e orgãos locais não se demitirem das suas responsabilidades, se se acabarem os caprichos e os sectarismos irredutíveis, é possível, com serenidade, tolerância, esforço e vontade um avançar certo e seguro nos largos «caminhos» do incremento moral, social, cultural e económico desta freguesia, que é e continuará a ser orgulho para os PALHACENSES.

SILVA FERREIRA

A Emigração na Vida duma Paróquia

O território, que é Portugal, como quase todas as nações mediterrâneas, foi sempre um Povo de imigrantes e de emigrantes.

Imigrantes foram os povos primitivos, que colonizaram este termo da Europa. Imigrantes foram os parentes mais próximos do primeiro rei de Portugal.

Nascido este País em pequeno e pobre território, limitado, em cinquenta por cento pelo mar, para o mar se lançou este Povo, constituído, em séculos, recuados, por povos que do mar vieram. O mar era a vocação de Portugal.

Com as descobertas marítimas acentuou-se o espírito aventureiro dos portugueses, que se tornam de facto um Povo de emigrantes.

É de admirar como meia dúzia de homens se aventuram a ocupar ilhas, como a Madeira ou os Açores, São Tomé ou Cabo Verde, sem condições iniciais de habitabilidade, em que tudo falta, confiando na passagem dum veleiro de largos em largos meses, quando não de ano a ano.

Só o característico espírito de aventura deste pobre Portugal, tão mal compreendido e tão mal julgado, será capaz de tão difícil empreendimento.

A Palhaça é parte integrante deste País. Em tempos passados não deve ter fugido à regra da aventura. No nosso século não fugiu mesmo.

Embora a emigração se tenha acentuado no País, e consequentemente na Palhaça, após o findar da última conflagração mundial, já muito antes Palhacenses moirejavam pelo Brasil, América e França.

Os primeiros emigrantes para esta última nação vieram com o termo da primeira grande guerra, consequência compreensível do facto dos rapazes portugueses por lá terem andado, incorporados no Corpo Expedicionário Português.

Hoje a Palhaça tem filhos seus nas cinco partidas do Mundo. Do Canadá à Austrália, passando pela África Austral; da Alemanha ao Rio Grande do Sul--Brasil, com tangente pela Venezuela, ganham o amargo pão de cada dia ho-

mens, verdadeiramente trabalhadores, que viram pela primeira vez a luz do sol nesta terra vincadamente bairradina.

O problema migratório será sempre um problema tremendamente difícil, de consequências ora meritórias ora desastrosas.

Analisemos, embora muito sucintamente, o problema migratório sob alguns pontos de vista.

Economicamente reconhecemos que tanto os países que recebem imigrantes, como os que os dão, são beneficiados. Os braços portugueses, bem como espanhois e italianos, contribuiram em larga escala para o desenvolvimento da Venezuela, que nos anos quarenta ainda deixava ver capim, não muito longe do centro da sua capital.

Do contacto que temos com os nossos emigrantes, sobre profissões exercidas por estes nesta nação, chegamos a convencer-nos que, se numa noite os portugueses entrassem em greve, no dia seguinte grandes zonas de muitas cidades não comeriam pão, pois uma grande parte das padarias estão nas mãos dos nossos concidadãos, sendo esta a profissão duma grande parte dos emigrantes palhacenses.

Os cheques ,vindos dos países de emigração, contribuiram em grande escala para a urbanização das nossas aldeias. A Palhaça beneficiou imenso neste sector. Beneficiaram os emigrantes e beneficiaram os que não emigraram, pois aumentou o número de postos de trabalho, melhoraram os ordenados e os que tiveram necessidade de vender alguma propriedade beneficiaram também, pois a abundância de «dollars» fez subir o seu preço.

Socialmente o emigrante tem sempre muito a aprender. Temos que reconhecer que a vida rural, em anos recuados, estava pouco desenvolvida no convívio social, na cultura e em assuntos de higiene.

A emigração, levando os nossos homens a viver, muitos deles, em meios citadinos muito desenvolvidos, obrigou-os a tornarem-se bem educados, detentores de boas maneiras, mais polidos, mais conhecedores do nosso mundo, do bem e do mal, da política, com legítimo desejo de possuir um automóvel, de ter uma linda casa com quarto de banho, que aprenderam a utilizar, boas mobílias, juntamente com uma boa gama de electrodomésticos.

Começa-se a sentir o desejo de dar aos filhos uma cultura diferente da sua, cultura mais elevada, que os pais de antanho não puderam ou não souberam dar. E as escolas portuguesas, incluindo colégios caros, começaram, pelos anos cinquenta e sessenta, a ver aumentada a sua população escolar.

E no campo moral e religioso?

Este é um problema difícil de tratar, não cabendo nas dimensões dum simples artigo de revista o seu desenvolvimento.

Certamente somos todos concordes que muitos dos nossos emigrantes são bons católicos na sua paróquia, mesmo seriamente praticantes, e até alguns fizeram parte de organismos apostólicos.

Seria lícito esperar que as nações, para onde emigram, beneficiassem no campo religioso da sua permanência em terra estrangeira. Por via de regra tal não acontece.

Fora da terra, os conscientemente católicos passam a ter uma vida individual e familiar católica, sem projecção na sociedade em que foram inseridos.

Causas? Muitas e muito variadas.

A não ser que aconteça — o que é mais provável — o que nos diziam nos nossos verdes anos apostólicos, referindo-se a determinada paróquia: «Dentro da freguesia são todos muito praticantes. Desenraizados do seu meio ambiente, tornam-se os piores cristãos.» E parece que era e é verdade.

Moralmente, se houve países que ensinaram aos emigrantes boas regras de conduta, respeito pelos outros, disciplina, também os há que concorreram imenso para a desagregação da família, para a corrupção dos jovens, para o desnorteamento da inteligência e para transtornos dos verdadeiros sentimentos humano-cristãos.

A imoralidade, a injustiça, a droga, o excesso de álcool e tabaco, os calendários e revistas pornográficas, os livros, tratando assuntos sexuais duma forma nada formativa, invadiram as nossas aldeias há muito tempo, trazidos, em grande parte, por mãos emigrantes. Pelo que nos parece que o saldo dos benefícios morais da emigração é negativo.

Religiosamente, o panorama não é muito diferente.

Países, onde a assistência religiosa ao emigrante está estruturada em bases sólidas, contribuiram para o fortalecimento da fé, até porque o emigrante viu que não era só na sua terra natal que se reza, se vai à missa e à comunhão, se lê ou ouve ler a Biblia.

Países, onde não há missões católicas portuguesas bem estruturadas, nada deram ao emigrante e, em muitissimos casos ,o pouco que levava lhe foi arrancado. Ao voltar à sua aldeia, a religião passou a não lhe interessar. Alguns emigrantes deixaram a religião no aeroporto, quando partiram. No regresso já não a encontraram.

De louvar o trabalho que a Igreja vem fazendo no campo religioso em países de emigração, que, além de benefício para a vida espiritual dos crentes, muito tem contribuído para não se quebrarem os laços que ligam o emigrante à Pátria.

É dever de todos os portugueses — e particularmente de todos os católicos — colaborarem com todas as autoridades responsáveis para a solução dos muitos problemas que a emigração provoca.

Que cada português e cada católico saiba cumprir esse seu dever.

P.ᵉ MANUEL DE OLIVEIRA

"Pedaços das minhas reflexões"

Era o «António dos Pardais». As ovelhas eram suas irmãs, suas amigas as pombas; os gorjeios dos pardais, a música de fundo de uma existência viúva de alegrias que há pouco conheceu o seu desastrado termo.

Sonhos, tivera-os esse homem? Anseios? Ambições?

Dormia, por vezes, dizia-se, sobre os torrões duros das vinhas do Barro; cobria-o somente o manto infinito com que o Senhor igualmente agasalha todas as Suas criaturas da Terra.

Procuro em minhas recordações e não vislumbro nelas lembrança de tê-lo directamente conhecido. Não obstante, a notícia que vieram trazer-nos de sua triste morte despertou em mim reflexões que têm povoado meu pensamento em seus momentos de ócio. Por isso, enquanto, nesta manhã cheia de promessas de risos e de sol, eu conduzo, rumo ao meu trabalho, eu penso nele e interrogo-me, mil vezes, a seu respeito: que força o teria impelido àquele isolamento? Ter-se-ia detido alguma vez no desejo de «ser igual» aos outros, de participar em seus ajuntamentos? O que, enfim, impediria a sua aproximação?

Decerto chegaria até ele o ruído dos seus convívios, o barulho das feiras, os repique dos sinos em manhãs de Domingo, os acordes da música em dias de festa. Que sentiria ele, então? Que pensaria?

Consciente ou inconscientemente aquele homem afastou-se dos outros homens e fez das ovelhas e das pombas suas únicas amigas e companheiras, ficando, para sempre, o «António dos Pardais». Porém, por detrás desta vida que assim se consumiu e finou no isolamento, está a sua motivação humana, que importa consideremos: que rejeições, que carências, que tratamentos, que egoísmos teriam determinado que assim tivesse sido?!

De pensamento em pensamento, ocorrem-me outras pessoas, subjugadas a uma outra forma de solidão, porventura não menos dolorosa. Têm rosto fechado, aspecto sombrio e austero e são, com frequência, alvo dos juízos nem sempre benevolentes dos demais.

Neste ponto, amigo que me estás lendo, eu sinto a tentação de convidar-te

a que medites comigo na parcela de responsabilidade que cabe a cada um de nós, relativamente a esses rostos fechados, aspecto sombrio e alma triste. É sabido que a amizade, a compreensão e o carinho geram a confiança e o optimismo e uma atitude positiva e corajosa frente à vida; mas o desdém, a depreciação, a traição, a incompreensão produzem efeito contrário, gerando a desconfiança, a insegurança que levam ao afastamento. Um gesto irreflectido, a interpretação maliciosa das palavras e das acções alheias, um comportamento imponderado, injusto e desumano, uma ofensa, uma humilhação, uma calúnia ferem tão profundamente a sensibilidade, cavando na alma danos por vezes irreparáveis e criando a descrença e a revolta. O filho do homem necessita de amor; o filho do homem nasce aberto a todo o convívio, a toda a afeição, a toda a sociedade; cumpre, pois, aos mais responsáveis — neste caso, e em meu entender, os mais responsáveis somos todos os outros, partitcularmente os mais velhos — cumpre, pois, dizia, atrair e não rejeitar criar esperanças e não destruí-las, ajudar carinhosamente os outros a construirem os ideais pelos quais se realizam e são felizes, e não demoli-los, alvejando-os com as pedradas da inveja, do egoísmo, da maledicência, do comodismo. Hoje, que a juventude desorientada em vão procura a firmeza de um apoio e um norte certeiro, desorientando-se mais e mais, trilhando caminhos obscuros e, afinal, também árduos, urge que meditemos um pouco na decisiva importância do nosso comportamento relativamente à realização feliz dos seres mais nossos irmãos e, dessa forma, à alvorada desse mundo mais feliz em que o homem se sinta verdadeiramente apaiado na amizade do outro homem e feliz no seu convívio.

Dr.ª Dulce da Cruz Vieira Martins da Conceição

ADREP: Um projecto tripartido de Desporto, Recreio e Cultura na Palhaça

A era do desporto amorfo, retocada aqui e ali com o verniz estaladiço de alguns êxitos esporádicos ao nível do futebol, começa a ser, definitivamente, pertença do passado. Vão-se distanciando de nós, paulatinamente, os duros anos em que a nuvem-cutelo do centralismo rodopia, ameaçadora, sobre a cabeça do desporto ambicionado pelos portugueses. Afastamo-nos, assim, desse deserto do ramerrão e da pasmaceira onde vegetaram, décadas sucessivas, o poder das iniciativas mastigadas e a negação da igualdade de oportunidades comum ao cidadão livre. Umas e outras premeditadamente amarfanhadas nos braços tentaculares dum elitismo doentio, pretensamente desportivo, tresandando injustiça, embandeirando em arco ao lado duma minoria de privilegiados.

Sintoma evidente dessa distorção, do enviesamento desse «desporto» confinado a umas tantas provas em Lisboa e arredores, é o zero relativo que assoma, em sua confrangedora dimensão, quando confrontado com o palmarés doutros países em termos de projecção internacional. Os Jogos Olímpicos da Era Moderna — reabilitados graças ao espírito renovador do barão francês Pierre de Coubertain — funcionam aqui como exemplo paradigmático dessa exiguidade. Retratam fielmente toda a mediocridade que nos habituámos a passear além-fronteiras. As honrosas excepções dum Manuel de Oliveira (medalha de bronze em Tóquio) e mais recentemente de Carlos Lopes (medalha de prata em Montreal) revelam-se por agora impotentes para camuflar airosamente o vazio enorme das nossas modestas representações. Continuamos distantes desse firmamento de estrelas onde fulguram Zatopek, Korbut, Spitz, Naber, Juantorena, Viren, Nadia Comaneci e tantas outros nomes sonantes alimentados por infraestruturas desportivas que ao comum dos portugueses insistentemente foram negadas.

Que apoio mereceram neste pasís, da parte de autoridades responsáveis,

num passado ainda recente, modalidades como a ginástica, o andebol, o halterofilismo, o xadrês e a natação, por exemplo? Que outra coisa se fez senão subtrair à maioria do nosso povo as condições indispensáveis à sua prática generalizada? Contra factos não há argumentos. E aqueles projectam, no écran memorizado das nossas vivências, o rótulo do anonimato indesejado em termos desportivos, carregando consigo a precaridade da saúde das grandes massas para quem praticar desporto se resumiu em arredias promessas de retóricas e ladaínhas sobejamente conhecidas. A saúde e o bem-estar físicos, atributos indissociáveis da prática correcta das modalidades desportivas, jamais constaram da agenda e dos propósitos daqueles que tanto tempo nos «serviram», auto-elegendo-se e cumpliciando-se durante 48 penosos anos consecutivos.

Novos horizontes se rasgam, contudo, ao desporto nacional. Os ventos da massificação já sopram em vastas áreas esquecidas do nosso país. Crescem como cogumelos, no bairro mais esquecido, na aldeia mais abandonada, núcleos desportivos e clubes populares apostados em transmitir às populações a mensagem do desenvolvimento físico, do enriquecimento cultural e do sentido colectivista e de respeito que cada qual deve ao seu semelhante.

Foi assim que nasceu, na Palhaça, a ADREP — Associação Desportiva Recreativa e Educativa. A urgência em apoiar as crianças da rua, os que se abalançam já na aprendizagem da cultura nas Escolas Primárias ou mesmo aqueles que sentem, erradamente, ultrapassada a sua fase de praticar desporto, suscitou em meia dúzia de carolas o propósito encorajante de melhor servir a nossa freguesia.

Promoveram-se reuniões. Discutiu-se acaloradamente. Angariaram-se os sócios. Aprovaram-se os estatutos. A Junta de Freguesia, versátil, medindo a amplitude do gesto, orientado para a promoção sócio-cultural da população, não hesitou em conceder o seu aval, empurrando definitivamente um projecto-esperança que muitos gostariam de ver morrer à nascença: cedeu, para sede provisória da ADREP, os baixos do coreto; permitiu, para a angariação de fundos, a utilização do salão maior da Junta onde a secção recreativa da Associação vem promovendo, periodicamente, bailes e demais manifestações de índole recreativa. Assim foi cerscendo a ADREP, até se tornar, há bem pouco tempo, uma instituição legalizada.

Assim vamos respondendo (a ADREP e os que nela acreditam) aos habituais detractores que recobrem, com seu manto de presságios e má fé, a inoperância e o negativismo da passividade de que sempre deram mostras. Aos que depreciativamente alcunham a sede de «tasca» e mais não sei quê. Aos que se movem, abrigados em deontologias ultrapassadas, entre a baixa intriga e a torpe calúnia. Essa linguagem dos que dizem o que não fazem e fazem o que não dizem, esse valor retórico das palavras, que nos vamos habituando a discernir da sua distanciação pragmática, dir-nos-ão tanto menos, quanto mais o voluntarismo e a mobilização se assumirem como bandeira a empunhar pela ADREP.

Numa altura em que o Estado, acossado por grave crise económica, esbracejando entre a falta de verbas e a ausência de quadros técnicos nos mais variados ramos, se revela impotente no apoio aos núcleos desportivos, cabe às

iniciativas populares interferir na defesa dos seus legítimos interesses, substituindo-o no apoio ao desporto, ao recreio e à cultura. É essa a missão que a ADREP se propõe levar a cabo, colhendo o exemplo de inúmeras organizações similares. Algumas manifestações desportivas e recreativas se realizaram já. Até à data, entretanto, tem a Associação vivido amputada do sector cultural. Não desdenhamos ser aqui, mais difícil o arranque. Mais problemático, até, o bom funcionamento. Mais morosa, a evidência dos frutos a recolher. Estamos, afinal, em presença duma Associação ainda embrionária! Será contudo útil relembrar que só em simbiose perfeita, onde desporto, recreio e cultura se interpenetrem e disciplinem mutuamente, ganhará expressividade o projecto ambicioso (e ambicionado) da ADREP.

Havemos de levar a água ao moínho das nossas intenções. Basta que nos saibamos unir, rumo a um desporto mais são, mais honesto e verdadeiro.

A honestidade e a limpidez das idéias prolonga-se na coragem de sermos capazes de as assumir como prática generalizada.

CARLOS BRAGA

Nós a Igreja

«Vem e segue-me, far-te-ei pescador de homens».

E foi assim que Cristo, um após outro uniu uma pequena sociedade, que foi feita por homens rudes, pobres, analfabetos, crespados pelos raios solares e habituados única e exclusivamente à faina da pesca. Foram estes homens os primeiros a seguirem Cristo, a receberem os seus ensinamentos e mais tarde a espalharem por todo o mundo a doutrina desta nova sociedade que conheceu vitórias e fracassos, conheceu alegrias e tristezas e que foi ontem, é hoje e será amanhã a sociedade mais atacada pelo egoísmo dos homens. Tão grandiosa sociedade é a Igreja!

Se me perguntarem o porquê desta sociedade que tantas vezes foi atacada, tantas vezes foi ultrajada e que ainda não foi de uma vez para sempre aniquilada. a minha resposta é que esta sociedade é:

UNA: Tem o mesmo chefe, a mesma doutrina os mesmos sacramentos e o mesmo sacrifício.

SANTA: Possui os meios e o desejo de santificar todos os homens.

CATÓLICA (UNIVERSAL): Tem a faculdade e a missão de receber no seu seio os homens de todas as épocas e de todas as raças.

APOSTÓLICA: Devem descender dos Apóstolos, as suas instituições devem ser substancialmente semelhantes às dos tempos apostólicos e os seus chefes devem ser os sucessores dos Apóstolos.

Igreja que, ao contrário daquilo que muitos poderão pensar, não é a seita dos padres e das beatas, não é um templo majestoso com muita ou pouca arquitectura, onde se vai à missa, onde tantos de nós fomos baptizados e onde também contraimos tantas promessas e tantas responsabilidades pelo sacramento do matrimónio, mas sim, a Igreja é todo o homem baptizado com Cristo e que admite, como único representante de Cristo na Terra, o Santo Padre.

E nós, cristãos, ao apercebermo-nos do nosso lugar na Igreja, verificamos que pouco ou nada fizemos. A Igreja não quer meios termos e muito menos

não é de águas mornas. Ela exige muito de nós. E por isso todo o Cristão é chamado a participar nos sacramentos que Deus pôs ao nosso alcance para melhor e mais responsavelmente tornarem a Igreja mais viva. Não devemos ir «ouvir» a Eucaristia como quem vai ver o cinema ou o teatro, mas participar activamente na animação litúrgica, na recepção da comunhão, na oração e acção de graças e compartilhar com todos os nossos irmãos as palavras que Cristo nos transmite. A participação na Eucaristia será o revitalizar forças para o trabalho da semana.

O mesmo cristão deverá ser testemunha de Deus, sempre e em toda a parte. Deverá dar provas da sua existência e tentar encaminhar todos os irmãos que não acreditem, através do testemunho da sua vida, através dos sacrifícios e de dedicação que faz pelos outros. A nossa vida, as nossas acções deverão ser um testemunho autêntico de Cristo. É, pois, na Igreja que todo o cristão deverá exercer a realeza; é, pois, através dos homens, que Cristo deseja dilatar o seu Reino: Reino de verdade e vida, santidade e graça, justiça e paz, de amor e de perdão.

Todo o cristão, ao exercer a realeza na Igreja, não pense que o seja no dominar os outros, no ser superior aos outros e dar-lhes sentenças, mas deverá actuar no sentido da solidariedade, da justiça e da paz, da unificação do amor, pondo de parte o seu egoísmo e opressão, o ódio, a soberba e a preguiça. Para que cada homem participe na realeza de Cristo, é necessário que, ao tornar-se rei, seja um servo fiel dos outros.

E ao olharmos para o que a Igreja exige de nós, verificaremos que, até ao momento, pouco ou nada fizemos. E na hora actual, temos que nos manifestar como autênticos seguidores de Cristo ou então deixemo-nos de continuar a enganar aqueles que o são verdadeiramente.

Neste aspecto, devemos fazer um apelo bem forte a todos os jovens, para que sejam autênticas testemunhas e mensageiros de Cristo e que deverão actuar na Igreja até ao limite das suas forças, ao ponto de serem mártires como tantos o foram nas épocas mais escaldantes que a Igreja atravessou, ao longo da sua história.

Depois de termos lutado e colaborado incessante e activamente na Igreja, que tenhamos uma só resposta a dizer a Cristo: «Não fizemos mais do que aquilo que deveríamos ter feito».

HORÁCIO CURA

Desafio às Boas Vontades

Palhaça! . . . Que dizer desta terra, antiga de tradições, quando estava vinculada à então vila de Soza e dela se separou em 1804 a fim de formar a actual freguesia?

É uma ridente planície de terras aráveis e produtivas que tenta e com justa razão ensaiar voos altos em todos os sectores.

É esplêndida, privilegiada e invejável a sua situação geográfica com bons locais onde podiam ser construídos aglomerados de diversos ramos tanto industriais como comerciais, se houvesse boa vontade e uma coesão perfeita e sincera dos seus habitantes, não olhando a partidarismos que nada resolvem, como vemos nas esferas superiores.

Tem progredido a passos lentos, porém se uns certos valores desta, que os há, se unissem, ela seria grande.

Poderá, e porque não, ser escolhida para nela ser criado o ciclo preparatório, em que tanto se fala, se às boas intenções de quatro senhores que se deslocaram a Lisboa para entrevistar, o que conseguiram, os responsáveis do ensino, que os acolheram com lhaneza e simpatia, se juntassem esses valores; creio que tudo se conseguiria e assim se concretizaria este lindo sonho e a Palhaça surgiria daquele esquecimento e morbidez a que a votaram os homens de antanho.

Por que não se deitam mãos à obra para que o posto clínico tão indispensável às populações palhacense e outras limítrofes seja uma realidade? Foram oferecidos dois terrenos para este efeito e ambos rejeitados por falta de condições adequadas . . . Se houvesse a tal coligação atrás mencionada tudo se resolveria e optar-se-ia por aquele que melhor se adaptasse à criação do imóvel.

É preciso homens de força de vontade que queiram ver a sua terra prestigiada; por isso apelo para alguns dos meus ex-alunos, não só os de cursos como os outros que se dedicaram ao comércio e agricultura para que valorizem a sua terra.

Dos que tiraram um curso, está no podium o sr. D. António S. Capão, meu ex-aluno, dilecto amigo e a quem muito admiro.

Por que num convívio fraternal este Senhor não convoca os seus amigos para discutirem estes problemas?

Dr. Capão e homens sensatos e bons da Palhaça, urge trabalhar com afinco para que esta terra seja grande e orientadora de outras com anseios semelhantes que lhe querem arrancar os direitos a que tem jus. Não se deixem embalar nos braços de Morfeu porque, quando acordarem, já será demasiado tarde.

Eu, que não nasci aqui, gosto imenso desta terra onde durante longos anos exerci o ensino, criando amizades indestrutíveis entre os meus alunos, gostaria de a ver engrandecida; por isso lanço um repto ao Dr. Capão, aos homens de boa vontade e aos jovens: que trabalhem com afinco para o engrandecimento e progresso da sua terra.

AIDA DE AGUIAR FERRAZ

Telefones

TELEFONES DE INTERESSE GERAL :

— Serviço de Urgência	115
— Bombeiros Voluntários :	
— Águeda	62 591 e 63 122
— Albergaria-a-Velha	52 237
— Anadia	031 - 52 384
— Aveiro	22 122 e 22 333
— Ílhavo	22 722
— Oliveira do Bairro	74 673

P A L H A Ç A

Agência Funerária Mário Marques da Silva	75 528
Agência de Viagens Interamericana	75 220
Alexandre Cláudio Ferreira da Silva	75 228
Álvaro Francisco Samagaio	75 204
Álvaro Marques	75 202
António Cândido Martins	75 526
António Fernandes Braga	75 216
António Lourenço	75 427 / 75 457
António Marques	75 428
António Martins de Oliveira Joinas	75 294
António Matos — Vila Nova	75 312
António Vieira da Silva	75 356
Arlindo Mota Magalhães	75 801
Arménio Vieira	75 218
Café Restaurante Capri	75 293

Casa do Povo 75 433
Confecções Dili 75 476
Confecções Sicarlo 75 476
Construções Metálicas Alferpa, L.da 75 328
Correios: — Estação 75 201
Porto Público — Palhaça: José Ferreira Barreto 75 223
Pedreira: Manuel Simões da Fonte 75 384
Ernesto Luís Pacheco 75 203
Farmácia Marvone 75 205
Garagem da Palhaça 75 229
Ilídio Ferreira Leitão 75 473
João da Conceição Simões 75 701
José Ferreira Caiado 75 224
José Francisco Samagaio 75 229
José Ribeiro Fernandes Braga 75 438
Luís Gonçalves Nunes Pelicano 75 450
Manuel Caldeira 75 451
Manuel Ferreira Bernardo 75 359
Manuel Ferreira Machuqueiro 75 230
Manuel Ferreira da Silva 75 491
Manuel Ferreira da Silva Neto — Areeiro 75 529
Manuel Francisco Bacalhau 75 465
Manuel de Jesus Pinhal 75 417
Manuel Lourenço de Carvalho 75 466
Manuel de Oliveira Caldeira 75 327
Manuel Ribeiro Simões de Carvalho 75 323
Manuel dos Santos Lopes — Areeiro 75 292
Manuel Simões Micaelo — Albergue 75 516
Manuel Vieira Samagaio — Rebolo 75 478
Maria do Céu Cerveira da Silva 75 236
Mário Belém Justino 75 378
Mário Francisco Lourenço 75 377
Mário Marques da Silva 75 528
Mário Simões Luzio 75 477
Mobiladora Económica da Palhaça — Alexandre Cláudio da Silva 75 228
Mobiladora Nascimento 75 225
Octávio Ferreira 75 472
Pároco da Palhaça 75 215
Restaurante Capri 75 293
Viriato Martins de Oliveira Joinas 75 373

Acílio Teixeira Fernandes — Sobreiro 75 492
Adelino Francisco Granjeia 75 181
Alberto de Oliveira Cruz 75 519
Alberto dos Santos — Póvoa 75 319
Alcino Caetano Rosa — Sobreiro 75 183
Amadeu Ferreira Mota — Póvoa 75 410
Amaral Reis Pedreiras 75 260
António Almeida Ferreira Santos Pato — Barreira 75 435
António Daniel Santos — Sobreiro 75 493
António Fontes Carvalho — Sobreiro 75 352
António Francisco Martins 75 266
António Gomes Silva Junior — Cabeço 75 390
António Lourenço Vieira Zagalo — Sobreiro 75 135
António Resende Laranjeira — Sobreiro 75 439
António dos Santos Silva — Espinheira 75 364
Arménio Simões Luzio — Sobreiro 75 289
Artur dos Santos 75 134
Augusto Fontes — Sobreiro 75 518
Augusto Simões da Costa 75 126
Auto Garagem de Bustos 75 235
Auto Mecânica de Bustos 75 146
Automóveis de Aluguer — de Manuel de Oliveira 75 177
Cacilda dos Santos Pires Almeida — Póvoa do Carreiro ... 75 358
Café Bar Rafael — Sobreiro 75 263
Café Central 75 118
Café Primor 75 475
Café Ti - Tac 75 361
Carlos Alberto Fernandes Cardoso — Sobreiro 75 318
Carlos Alberto Ferreira Alves 75 337
Célia Simões Martins — Sobreiro 75 502
Cerâmica de Bustos, L.da 75 115
Cerâmica Sotelha, S. A. R. L. 75 119
Construtora Mamorista — José Maria Freitas 75 116
Correios: Estação 75 111
— Postos Públicos:
— Barreira da Malhada — Clélia da Luz Maia 75 413
— João Augusto Simões Pedro ... 75 112
Daniel Albino Santos Barreira 75 320
David de Jesus Simões Arroz 75 334
Delfim Rei dos Santos — Espinheira 75 363
Drogaria Santos 75 386
Duarte Nunes Morais — Sobreiro 75 338

Eduardo Gonçalves dos Santos 75 113
Electro Mobiladora de Bustos — David Simões Arroz 75 334
Eugénio Simões Ventura 75 257
Farmácia Assis Rei 75 127
Fernando Alves Afonso 75 481
Fernando Jorge Rodrigues de Coladas Carvalho 75 367
Fernando Simões Luzio 75 389
Frutuoso Rodrigues Almeida — Tabuaço 75 234
Gelásio Simões Mota — Barreira 75 388
Guarda Nacional Republicana 75 252
Dr. Heitor Baptista Ferreira 75 103
Hilário Simões Costa — Sobreiro 75 453
Ilídio dos Santos Moreira — Barreira 75 191
Inocêncio Simões Caldeira — Sobreiro 75 391
Instituto de Promoção Social da Bairrada — Sobreiro 75 197
João Nunes Ferreira — Cabeço 75 456
João da Silva Oliveira — Sobreiro 75 471
João Simões Figueiredo — Sobreiro 75 133
Joaquim Fontes — Sobreiro 75 517
Joaquim dos Santos Correia — Barreira Branca 75 416
Joaquim Simões Tribuna 75 142
Jofre & Silvério Francisco Pedreiras 75 122
Dr. Jorge Nelson Simões Micaelo ... ... 75 130 / 75 124
José Luís Martins 75 467
José Manuel da Cruz Domingues 75 387
José Maria de Freitas 75 116
José das Neves João 75 335
José da Silva Roque — Azurveira 75 153
José Simões Loureiro — Póvoa 75 123
Lino Francisco Rei 75 275
Manuel António de Oliveira 75 281
Manuel Augusto Reis — Sobreiro 75 286
Manuel Augusto Simões Aires 75 139
Manuel da Conceição Pereira — Sobreiro 75 322
Manuel Ferreira Botas 75 339
Manuel Ferreira Gomes — Sobreiro 75 421
Manuel Ferreira Lourenço — Sobreiro 75 340
Manuel Ferreira da Silva — Quinta Nova 75 279
Manuel Fontes 75 368
Manuel Joaquim dos Santos 75 186
Manuel Joaquim dos Santos Reste — Espinheira 75 315
Manuel Joaquim da Silva Martins — Cabeço 75 379

Manuel Marques Liberal — Sobreiro 75 114
Manuel Miranda — Sobreiro 75 380
Manuel Oliveira Lagoa — Sobreiro 75 189
Manuel Silva Correia — Sobreiro 75 141
Manuel da Silva Rosa — Espinheira 75 412
Manuel Simões Aires (Filho) 75 452
Manuel SimõesCosta — Póvoa 75 129
Manuel Simões da Costa Junior 75 371
Manuel Simões da Cruz ... ... 75 402 / 75 180
Manuel Simões Figueiredo — Póvoa 75 321
Manuel Simões Martins 75 437
Manuel Tavares Silva — Sobreiro 75 426
Manuel Teixeira — Sobreiro 75 716
Manuel Vieira Ferreira — Barreira 75 341
Manuel Vieira Pernagorda 75 455
Marcelino José Faria — Sobreiro 75 468
Maria Alice Oliveira — Sobreiro 75 303
Maria Vieira — Barreira 75 190
Mário Aires Silva — Sobreiro 75 475
Mário de Almeida Caiado 75 117
Mário Ferreira Fontes — Sobreiro 75 470
Mário Martins Vieira — Sobreiro 75 432
Mário Morgado Tavares da Silva 75 342
Mário dos Santos Neto — Montouro 75 353
Mário Simões Ferreira — Sobreiro 75 501
Pároco de Bustos 75 128
Pompílio Simões Micaelo — Sobreiro 75 241
Reizinho — João da Silva Oliveira — Sobreiro 75 471
Restaurante - Bar Rafael 75 263
Restaurante Lagoa — Sobreiro 75 189
Restaurante Piripiri 75 132
Restaurante Primor — Sobreiro 75 475
Restaurante Ti-Maria — Sobreiro 75 436
Rodolfo Reis — Picada 75 385
Rosa do Carmo Silva Ferreira — Póvoa do Carreiro 75 179
Rosendo Ferreira 75 336
Salão Zaida — Carlos Alberto Alves 75337
Sapataria Valério 75 125
Serralharia Amador Simões dos Santos — Sobreiro 75 439
Silva, Carvalho & Lourenço, L.da — Sobreiro 75 483
Silvério Ferenandes Branquinho 75 382
Teófilo Simões Mota 75 242

Vieira & Viegas, L.da	75 296
Vitor J. Rodrigues Almeida — Tabuaço ...	75 144
Virgílio Rei — Espinheira	75 463

FERMENTELOS

Dr. Abel Condesso Duarte	72 259
Abel Roques Pires	72 239
Aires Marques Lemos	72 266
Amilcar Lemos Dias	72 165
António A. Seabra Cardoso	72 135
António Agostinho Evangelho	72 264
António Canhoto Fernandes	72 236
António Ferreira Gomes	72 230
Dr. António José da Costa Serrão	72 159
António Matias da Rosa	72 228
António Pepino de Figueiredo	72 226
António Raínho Duarte	72 262
António Vieira de Carvalho	72 257
Armando Ferreira Sarabando	72 166
Arménio Duarte Lemos	72 288
Arménio Neves Vasconcelos	72 245
Arménio Pires Martins	72 134
Arménio Simões	72 261
Artur Carvalho de Vasconcelos	72 225 / 72 128
Artur Ferreira Martins Junior	72 106
Artur Pereira Neves	72 174
Artur Roque Pires	72 207
Augusto Dias Lemos	72 146
Augusto Ferreira Dias	72 113
Augusto Ferreira Timóteo	72 195
Augusto Timóteo Rosa	72 196
P. Áureo Rodrigues de Figueiredo	72 107
Belarmino Ferreira de Oliveira	72 132
Café Sporting	72 255
Carpintaria Sarabando	72 166
Carvalhal, Martins & Pires	72 206
Casa do Povo	72 303
Célia Fernandes Pires	72 254
Ciclomotora Dias	72 165
Constantino Marques Duarte	72 269
Correios — Estação	72 251

Daniel Pires da Rosa 72 208
Dionísio Duarte Ferreira 72 145
Duarte Lemos & Filhos, L.da 72 253
Eduardo Martins Urbano 72 139
Electra de M. Condesso 72 235
Ermezinda Pinheiro Crespo 72 223
Estalagem da Pateira ... ... 72 205 / 72 219
Eugénio Costa 72 258
Eugénio & Duarte, L.da — Fábrica de Móveis ... ... 72 154 / 72 258
Farmácia Santil 72 260
Fernando Augusto 72 136
Fernando Raínho da Silva 72 190
Eng. Gil Pires Martins 72 250
Isaltino Carlos da Rosa 72 234
Ismael Martins Timóteo 72 109
Israel Carlos Ana 72 285
João Alves Duarte 72 268
João Dias Junior 72 238
João Ferreira de Andrade 72 120
João Ferreira Dias 72 255
João Simões 72 261
João Simões Bonifácio 72 173
Joaquim Carvalho 72 252
Joaquim Marques Dias 72 232
Joaquim Nunes Geraldo 72 263
José Dias Lemos 72 152
José Ferreira Neves 72 302
José Lemos Moreto 72 209
José Lopes Marques de Oliveira 72 179
José Luís Marques Fonseca 72 233
José Simões Fonte 72 221
Lucília Chaves Peixoto Navarro 72 188
Maria Ferreira Abrantes 72 218
Maria de Lurdes Rodrigues da Costa 72 242
Maria Madalena da Cunha Brito 72 212
Maria Neves 72 231
Metalfer — Metalúrgica de Fermentelos, L.da 72 197
Móveis Cândido 72 138
Móveis Jolemo 72 209
M. Nolasco 72 224
Noé de Oliveira Sousa 72 246
Nolasco & Dias, L.da 72 296
Pároco de Fermentelos 72 229

Porfírio Martins Dias	72 153
Rogério Pires Abrantes	72 127
Rui Fernando Pires Condesso	72 214
Serafim C. Alves Tabuada	72 144
Urbano & Filhos, L.da	72 126
Dr. Varão Nolasco	72 267
Vitor Manuel Mendes Ferreira	72 172

MAMARROSA

Adelino Martins das Neves — Quinta do Gordo	75 274
Alcides Tribuna Gala	75 245
Alfredo Oliveira das Neves	75 269
Amadeu Francisco da Graça	75 288
Amadeu Oliveira Vela — Caneira	74 382
Amilcar Gonçalves Raínho — Quinta do Cavaleiro	75 246
Antero Marques	75 423
António Augusto da Silva Cravo	75 420
António Marques Bem Haja	75 354
Arlindo Ferreira Machado — Caneira	75 469
Prof. Dr. Arsélio Pato Carvalho	75 304
Artur Marques Bem Haja	75 137
Auto Cravo	75 404
Automóveis de Aluguer — Manuel Cervo Novo	75 140
Azeite Senhor da Serra	75 405
Café Restaurante Mamarrosa — Amândio Dias Costa	75 243
Casa de Saúde e Repouso de Santo António	75 145
Churrasqueira Gaúcha — Firmino Ferreira de Jesus	75 372
Correios — Estação	75 271
— Posto Público — Manuel dos Santos Cravo Novo	75 140
Cravo, Conceição & C.ª L.da — Quinta da Gala	75 418
Cravo & Oliveira, L.da	75 404
Daniel da Silva Cravo Junior	75 819
Diamantino César de Oliveira Malta	75 270
Eleutério Neves	75 430
Euclides Constantino Baptista	75 231
Farmácia Higiene	75 273
Francisco Pires dos Santos	75 431
Garagem Auto Moderna Mamarrosense	75 404
Horácio da Anunciação Rodelo — Quinta do Gordo	75 547
Isaías Nunes Mota	75 156
João Martins	75 484

Joaquim Marques da Silva ... 75 131
Manuel António Clementina Oliveira ... 75 442
Manuel António Oliveira — Caneira ... 75 355
Manuel Augusto Costa ... 75 331
Manuel Augusto Ferreira — Quinta do Cavaleiro ... 75 255
Manuel Augusto Gomes ... 75 316
Manuel Augusto Granjeia Neves ... 75 272
Manuel Augusto Pinto de Miranda — Seixal ... 75 480
Dr. Manuel Augusto dos Santos Pato ... 75 277
Manuel Bertino Dias Roque ... 75 537
Dr. Manuel da Fonseca Martins ... 75 602
Manuel Domingues Cravo — Quinta da Gala ... 75 317
Manuel Ferreira Camarneira — Caneira ... 75 155
Manuel Martins de Oliveira ... 75 429
Manuel Martins Rodrigues Santos ... 75 381
Manuel Micaelo — Quinta do Cavaleiro ... 75 253
Manuel Plácido ... 75 305
Márcio Fontes Mota — Quinta do Cavaleiro ... 75 267
Maria Adelaide São Marcos ... 75 276
Maria José dos Santos Pato ... 75454
Mário da Silva Cravo — Caneira ... 75 370
Mário da Silva Raínho ... 75 247
Mário Simões Bernardo — Caneira ... 75 383
Martinho Martins — Quinta do Gordo ... 75 330
Matos, Serra & Neves, L.da ... 75 405
Rosa de Oliveira Graça ... 75 636
Tude Fontes Paredes ... 75 392
Vinícola do Celeiro, L.da ... 75 403
Vitor Jesus Rodrigues Almeida — Portinho ... 75 343

N A R I Z

Anacleto Maia Pinho ... 75 295
António Afonso de Oliveira ... 75 527
António Ferreira Ribeiro ... 75 324
Bernardino Vieira de Carvalho Seabra ... 75 211
Cerâmica de Nariz (Empresa), L.da — Cerâmica Sonabol ... 75 232
Correios:
— Posto Público: Nariz — José Romísio de Oliveira ... 75 136
— » » Verba — António da Costa Lopes ... 94 359
Cunhas, Matias & C.ª L.da ... 75 232
Francisco Valério Mostardinha ... 75 213

Herculano dos Santos	75 217
João Francisco Cura	75 365
João Simões da Cunha	75 222
José Joaquim Lopes Gonçalves	75 219
Manuel Ferreira de Jesus Marques	75 479
Manuel da Luz Belém	75 350
Manuel Nunes Cruz	75 351
Manuel de Oliveira Barros — Verba	94 310
Manuel Romão Simões	75 393
Matias, Correia & C.ª L.da	75 232
Páraco de Nariz (Fátima)	94 241

OIÃ

Abel Araújo Malheiro	72 115 / 72 103
Abel Carvalho Oliveira — Malhapão	75 459
Abel Esteves de Sá	75 418
Abel Ferreira da Silva	72 130
Abel da Silva Oliveira — Malhapão	75 459
Abel Torres — Rego	72 151
Abrantes & Almeida, L.da — Silveiro	72 301
Acúrcio Maia de Albuquerque	72 160
Agência Funerária Bartolomeu — Agras	72 162
Agnelo Caldeira Prazeres	72 123
Agnelo Francisco dos Santos — Malhapão	75 285
Alberto de Jesus Cardoso	72 192
Alcibíades Rodrigues Ramalho — Perrães	72 171
Alcides dos Santos Vieira — Carris	72 121
Amílcar Martins Branco	72 184
Dr. Ângelo da Costa Graça — Silveiro	72 217
Antero Francisco Reis — Silveiro	72 185
Antero Nolasco e Santos — Perrães	72 272
Antero Rodrigues Réu — Perrães	72 155
Antero da Silva Pires — Silveira	72 102
António Caetano da Silva — Águas Boas	72 243
António Carvalho Reis — Perrães	72 277
António da Conceição Silva — Silveiro	72 168
António Esteves da Silva — Cruzes	72 203
António Francisco Lopes — Malhapão	75 425
António Francisco Reis — Malhapão	75 424
António Martins — Malhapão	75 325
António Martins Pereira — Cruzes	72 189

António de Oliveira Leal — Carris 72 193
António Ribeiro 72 287
Maj. Armando Esteves 72 157
Armando dos Reis Bartolomeu 72 286
Arnaldo da Silva Cravo — Malhapão 75 717
Augusto Venâncio — Rego 72 270
Baltasar dos Santos Barros 72 241
Bernardo Pinto Ribeiro — Carris 72 141
Blometal — Sociedade Metalúrgica da Bairrada, L.da — Silveiro 72 224
Cândido da Silva Tralhão 72 291
Carlos Ferreira Gomes 72 290
Casa do Povo 72 300
Casa de Saúde de Oiã 72 140
César Simões de Oliveira Martins — Águas Boas 72 114
Cirilo Carvalho Neves — Silveiro 72 017
Clínica de Oiã 72 140
Correios: — Estação 72 111
— Posto Público:
— Águas Boas — Alcino Salvador 72 213
— Gesta — João Lopes Moita 72 200
— Malhapão — Mário Martins Vieira 75 160
— Oiã — Joaquim Justiano 72 164
— Pedreira — Manuel Simões da Fonte 75 384
Edmundo António Ruas — Águas Boas 72 295
Elísio Martins Branco 72 177
Elísio Vieira Vilão — Cruzes 72 137
Ema Ferreira Coelho — Silveira 72 211
Emílio Simões Garcia — Perrães 72 271
Ermezinda Nunes Ferreira 72 183
Ernesto Dias — Silveiro 72 215
Fábrica de Camisas Manoli 72 181
Fábrica de Confecções Mardila — Silveiro 72 156
Fábrica de Ferragens Ribeiro & Irmãos, L.da 72 142
Fármácia Central 72 104
Fernando Caetano Silva — Águas Boas 72 244
Dr. Fernando Peixinho 72 178
Francisco Matos Santos — Silveiro 72 284
Francisco Pinto Bernardo — Malhapão 75 284
Gabriel Pires Morais 72 256
Henrique & Marques, L.da — Silveiro 72 167
Henrique Pinto Basto Esteves — Águas Boas 72 182
Hermínio Lopes Dias 72 180
Irmãos Unidos 72 176

João Duarte Pires — Gesta	72 280
João Lopes Moita — Gesta	72 281
João Pires da Silva — Silveiro	72 283
Joaquim Duarte Rito Junior — Silveiro	72 216
José Dinis dos Reis — Agras	72 117
José Lourenço Dias	72 143
José Lourenço Pires — Gesta	72 292
José Maria de Albuquerque	72 160
Júlio dos Santos Lopes	72 119
Laurentino Martins de Oliveira	72 118
Manuel Caldeira Albuquerque	72 122
Manuel Dias Carvalho — Perrães	72 276
Manuel Ferreira Areias — Silveira	72 227
Manuel Ferreira Coelho — Silveira	72 108
Manuel Ferreira Fresco — Malhapão	75 185
Manuel Lopes Alexandrino	72 240
Manuel Martins	72 210
Manuel Martins Carvalho — Perrães	72 273
Manuel Martins Ferreira — Águas Boas	72 293
Manuel Nunes Mota — Malhapão	75 460
Manuel Oliveira	72 181
Manuel Oliveira Ribeiro — Silveira	72 186
Manuel Pereira — Malhapão	75 101
Manuel Pereira Vieira — Carris	72 194
Manuel Pires Abrantes — Gesta	72 278
Manuel Pires da Silva	72 125
Manuel dos Santos Carrancho — Malhapão	75 458
Manuel dos Santos Novo — Agras	72 105
Maria do Carmo Adão	72 100
Maria do Carmo Vieira	72 150
Dr.a Maria Fernanda Graça — Silveiro	72 217
Maria José Franco Simões Oliveira	72 191
Maria José Oliveira Pinto Bastos	72 170
Maria Ribeiro	72 237
Mário Oliveira Pinto Bastos	72 289
Mário dos Santos Vieira — Perrães	72 275
Metafo — Metalúrgica da Formosa — Silveiro	72 167
Metalúrgica do Levira, L.da ou Móveis Levira	72 187
Natália S. Pires Tavares Pinho — Gesta	72 131
Pároco de Oiã	72 161
Raquel Barata Ribeiro	72 129
Raul Simões Areias — Malhapão	75 326
Ribeiro & Irmãos, L.da	72 142

Rodolfo Augusto Borges — Perrães 72 274
Rosa Albina 72 202
Serração e Carpintaria Mecânicas «Beira Litoral», L.da 72 158
Sociedade Empreitadas Adriano, L.da — Agras 72 350
Sociedade Metalúrgica da Bairrada, L.da — Silveira 72 224
Talho Carioca — Silveiro 72 175
Talho Moderno 72 101
Vasco Dias Neves — Gesta 72 282
Virgílio Pires Rosa 72 220
Viriato de Oliveira — Silveira 72 265
Zael Carlos da Rosa — Gesta 72 279

OLIVEIRA DO BAIRRO

Abílio José de Almeida 74 253
Abrantes, Gomes & Cimões, L.da 34 435
Acílio Gomes Mota 74 695
Acrísio Marques — Monte Longo da Areia 74 489
Adelina de Oliveira Brandão da Cruz — Cercal 74 434
Adelino Simões Raposo 74 130
Adriana Martins de Carvalho Costa 74 624
Afonso Silva Pinto — Murta 74 480
Agência Funerária — Amador Medeiros 74 186
Agência de Viagens Neves & Roça, L.da 74 128
Albertina Teixeira — Senhor dos Aflitos 74 250
Alberto Mariz Costa 74 390
Alberto Saimeiro 74 635
Dr. Alberto Tavares Ferreira e Castro 74 226
Alfredo Rodrigues Ferreira 74 272
Álvaro Cardoso das Neves — Vila Verde 74 388
Álvaro Cardoso de Oliveira — Vila Verde 74 384
Ângelo G. P. Basto Graça 74 378
António Ferreira Neves 74 222
António de Jesus Alves 74 495
António de Oliveira Santos — Vila Verde 74 516
António Pereira Santos Pires — Cercal 74 194
António dos Santos Almeida — Monte Longo da Areia 74 487
António Simões Cardoso 74 333
António Simões de Carvalho 74 192
Armazéns Siera — António Sousa Vela 74 454
Dr. Armando Reais Pinto 74 234
Arménio Cacho — Repolão 74 137

Arménio de Oliveira Roça	74 195
Arménio dos Santos — Monte Longo da Areia	74 389
Arsénio Santiago Cardoso — Cercal	74 397
Aurelino Almeida Oliveira	74 491
Auto Garagem Oliveirense, L.da	74 370
Barvel — Empresa Cerâmica do Barro Vermelho	74 116
Câmara Municipal (Secretaria)	74 596
Café Bar Zip-Zip — Cardoso & Fernandes	74 477
Café Central	74 114
Carlos M. Campos Santos — Vila Verde	74 384
Cartório Notarial	74 230
Casa do Povo	74 684
Casa das Utilidades	74 333
Celina Figueira Maia	74 314
Cerpal — Empresa Cerâmica Portugal, L.da	74 472 / 74 601
Cílio de Jesus Silva	74 483
Companhia União Fabril — Depósito	74 559
Correios : — Estação	74 451
— Postos Públicos :	
— Manuel Ferreira Reis	74 471
— Serena — Evangelina Oliveira Duarte	74 432
— Vila Verde — João Ferreira Sol	74 548
Diógenes Simões Pires	74 117
Duarte, Santos & Almeida, L.da — Vila Verde	74 344
Electrigaz	74 272
Empresa Cerâmica do Barro Vermelho — Barvel	74 116
Empresa Cerâmica Portugal, L.da — Cerpal	74 472 / 74 601
Escola de Condução de Oliveira do Bairro	74 613
Escola Preparatória de Santa Joana Princesa	74 269
Escola Secundária	74 233
Fábrica de Pavimentos Cerâmicos, L.da — Pavimenta	74 132
Farmácia Sanal	74 303
Farmácia Tavares de Castro	74 550
Dr. Fausto da Graça Barata	74 523
Fernando Manuel Pires Reis	74 602
Fernando Manuel Pires Reis — Repolão	74 595
Foto Cor — Agostinho Martins Leite	74 647
Garagem Pedra Dura	74 196
Grémio da Lavoura	74 311
Guarda Nacional Republicana	74 318
Heitor da Assunção Abrantes	74 340
Hospital da Misericórdia	74 450
João Alberto — Lavandeira	74 218

João José de Almeida Soares — Lavandeira 74 163
Joaquim Ferreira dos Reis — Murta 74 187
Joaquim Neves 74 168
Joaquim Oliveira Roça 74 351
Jonitex — Lanifícios e Confecções, L.da 74 277
Jorge António da Silva — Repolão 74 289
José Eurico Tavares Moutinho Fonseca 74 470
José Ferreira Pinheiro — Murta 74 395
José Orlando Neves Almeida — Cercal 74 347
José Teixeira 74 377
Lanifícios Hiperlã, L.da 74 459
Lino de Almeida Santiago — Vila Verde 74 435
Dr. Luís A. França Vasconcelos Dias 74 150
Manuel António da Silva Dias Ferreira ... ... 74 666 / 74 555 / 74 453
Manuel Augusto Martins Vinagre — Vila Verde 74 134
Manuel Bernardo Ferreira de Sousa — Vila Verde 74 385
Manuel Cardoso — Repolão 74 231
Manuel Ferreira Barata 74 114
Manuel Ferreira Rodrigues 74 429
Manuel Filipe 22 642
Manuel Francisco Pataco 74 143
Manuel Gabriel de Almeida Caetano da Rosa — Vila Verde 74 387
Manuel das Neves Cardoso 74 611
Manuel Rocha da Silva 74 427
Manuel Rodrigues de Oliveira — Murta 74 486
Manuel Simões Cruz 74 415
Manuel Soares Ferreira Sol 74 685
Maria Cândida de França Vieira 74 636
Dr.a Maria da Conceição Gomes Moura 74 469
Dr.a Maria Fernanda Matos Fernandes 74 659
Maria de Lurdes Almeida Lamas — Cercal 74 481
Mário Ferreira Cruz — Cercal 74 232
Melix — Importação e Exportação, L.da 74 628
Mobiladora Central da Bairrada 74 144
Mota & Lopes, L.da 74 468
Namércio Cunha Silva 74 332
Nelson Simões de Oliveira — Murta 74 392
Noémia de França Martins 74 583
Pároco de Oliveira do Bairro 74 152
Pavimenta — Fábrica de Pavimentos Cerâmicos, L.da 74 132
Raimundo de Vasconcelos Figueiredo 74 424
Ramiro & Cancela, L.da 74 266
Repartição de Finanças 74 202

Rita da Silva Tavares 74 457
Rocha, L.da 74 215
Rosa Dias Serena 74 482
Saúl Simões de Almeida — Cercal 74 405
Sereno & Simões, L.da 74 454
Socave — Sociedade de Vinhós, L.da 74 227
Sociedade de Representações Cértima, L.da ... 74 223
Vinhos do Cértima, L.da 74 478
Viúva de António de França Martins 74 445
Viúva de José Ferreira de Campos & Herdeiros — Repolão 74 229
Zélia Ferreira Barata Soares 74 672

SANGALHOS

Adelino Marques — São João da Azenha 74 157
Adelino Simões Aidos 74 357
Adolfo Godinho Neves — Sá 74 274
Adriano Rodrigues Seabra 74 352
Adriano Seabra Alves 74 177
Agnelo Rodrigues Neves 74 126
Agostinho Simões das Neves — Fogueira 74 330
Albano Baptista 74 113
Albano Ferreira da Costa 74 355
Albano Ferreira Lucas — São João da Azenha 74 197
Alberto Baptista Gomes 74 235
Alberto Costa — São João da Azenha 74 129
Alberto Ferreira dos Santos — Paraimo 7442 5
Alberto Ferreira da Silva 74 188
Alberto Pereira Santiago 74 290
Alberto Simões de Melo — Fogueira 74 164
Albino Rodrigues Ferreira 74 598
Albino Soares Lincho — Paraimo 74 419
Alexandre Baptista Gomes — Fogueira 74 261
Alice de Jesus Santos — Fogueira 74 139
Altino Ferreira da Silva 74 188
Álvaro Alves da Silva 74 302
Álvaro Fernandes Gradeço — Paraimo 74 606
Álvaro Fernandes Maia 74 326
Álvaro Ramalheira da Costa 74 446
Álvaro Rodrigues dos Santos — Vale do Mouro 74 320
Álvaro da Silva Calvo 74 363
Álvaro Simões da Silva 74 406

Américo Alves Patricio 74 315
Antenor de Oliveira Baptista 74 281
Antero Cerveira Martins — Fogueira 74 356
Antero Ferreira Manão Júnior — Sá 74 219
Antero Marques Calvo 74 612
Antero Navega Quinta 74 661
Dr. Antídio das Neves Costa 74 280
António A. Nunes Maia ... ... 74 460 / 74 258
António A. Tavares Gonçalves 74 294
António de Almeida Santiago 74 239
António Augusto Carvalho Moreira Seabra — Paraimo 74 154
António Augusto Santiago 74 287
António Augusto da Silva Vale 74 614
António da Cruz Gouveia 74 325
António Domingos da Silva Miranda — Fogueira 74 637
António Fernandes da Costa Feijão 74 339
António Ferreira Santiago — Saima 74 334
António Ferreira dos Santos — Saima 74 490
António da Fonseca Duarte — Sá 74 420
António Júlio Sequeira Urbano — Sá 74 242
António Moreira Carvalho 74 212
António Maria Martins Pinto — Paraimo 74 210
António Marques Sá 74 441
António Miranda Martins 74 587
António Moreira Seabra — Paraimo 74 121
António Pereira Leal 74 369
António Rodrigues Pinto dos Santos 74 416
António Soares 74 276
António Vicente de Oliveira 74 246
Aristides Almeida de Jesus 74 189
Aristides Simões Carvalheira 74 162
Armando, Jesus & Soares, L.da 74 413
Armando Rosa Silva Calvo 74 417
Armando Silva Félix 74 426
Arménio Ferreira Muche — Sá 74 185
Arménio Marques da Silva 74 367
Arménio Moreira Mota 74 421
Arnaldo dos Reis Páscoa 74 374
Artur Ferreira Lincho 74 237
Artur Ferreira Manão 74 295
Associação de Ciclismo de Aveiro 74 247
Dr. Augusto César de Barros 74 439
Augusto José Lopes — Sá 74 686

Augusto Marques dos Santos ... 74 329
Augusto Nunes Maia ... 74 312
Augusto Rodrigues Mieiro ... 74 359
Augusto Tomé Seabra ... 74 455
Augusto Virgílio de Almeida Dinis ... 74 224
Aurélio Ferreira Santos ... 74 343
Aurélio de Miranda Santiago ... 74 285
Automóveis de Aluguer — Cardoso & Sousa, L.da ... 74 423 / 74 573
Banco Pinto & Sotto Mayor ... 74 381 / 74 386
Belmiro Pinto Bastos ... 74 412
Branca Maria da Conceição R. Simões ... 74 367
Cabeleireira Conceição Ferreira Rosa ... 74 225
Cabeleireira de Senhoras Néné ... 74 225
Café Sport ... 74 328
Carlos Augusto Santiago — Fogueira ... 74 571
Carlos Fausto Fereira dos Santos — Saima ... 74 494
Dr. Carlos Paiva Castro ... 74 563
Carpintaria Mendes & Filhos, L.da ... 74 396
Casa Doris Mané ... 74 515
Casa do Povo ... 74 513
Casa Viriato ... 74 515
Castro & Moura, L.da ... 74 336
Caves Aliança — Vinícola de Sangalhos, L.da ... 74 160 / 66 / 67
Caves do Barracão, L.da ... 74 350 / 53
Caves Borlido, L.da ... 74 512
Caves Império — Imperial Vinícola, L.da ... 74 204 / 44
Caves São João — São João de Anadia ... 74 118
Caves do Pontão — Fogueira ... 74 257
Centro de Bem Estar Infantil ... 74 671
Correios: — Estação ... 74 115
Chefe ... 74 291
Depósito de material ... 74 112
Ensaios e Guarda fios ... 74 110
Postos Públicos:
— Fogueira — António Barros da Silva ... 74 342
— Sangalhos — Anselmo Sousa Vela ... 74 360
— António de Sousa Pinto ... 74 479
— S. João da Azenha — Mário de Jesus Oliveira ... 74 488
D. Silva, L.da ... 74 105
Diamantino Ferreira ... 74 301
Dr. Domingos Garcia Polido — Fogueira ... 74 141
Edgar Correia ... 74 638
Eduardo Ferreira Santiago ... 74 213

Ema Lares de Morais — Fogueira ... 74 127
Ernesto Alves Pinto ... 74 331
Ernesto da Silva Santos — Sá ... 74 467
Esmaltina Auto — Ciclos, L.da ... 74 203 / 74 535
Estalagem Sangalhos ... 74 648
Fábrica de Estores do Paraimo — Pinto, Costa & Silva, L.da ... 74 411
Farmácia Nova ... 74 373
Farmácia S. José ... 74 123
Fausto de Carvalho, L.da ... 74 102
Feliciano Godinho Neves ... 74 466
Fernando Morais Silva — Fogueira ... 74 260
Fernando Santiago Pinto de Almeida — Fogueira ... 74 103
Fernando Seabra Simões — Vale Mouro ... 74 391
Ferragens de Sangalhos, L.da ... 74 287
Ferreira & Santiago, L.da — Fogueira ... 74 257
Fundador — Sociedade Importadora de Sangalhos, L.da ... 74 254 / 74 525
Gracil — Grupo Distribuidor de Artigos de Ciclismo, L.da ... 74 354
Gráfica Regional, L.da ... 74 305
Gráfica Solmar ... 74 413
Guilherme Oliveira ... 74 575
Henrique Moreira Seabra — Paraimo ... 74 380
Henrique Vieira Castro ... 74 155
Herculano da Cruz Maia — S. João de Azenha ... 74 131
Horácio Correia Santiago ... 74 585
Horácio Rodrigues Ferreira — São João da Azenha ... 74 243
Horácio Rodrigues Mieiro ... 74 562
Hospital da Santa Casa da Misericórdia ... 74 337
Iberocar — Cardoso & Sousa, L.da ... 74 423 / 74 573
Ilva de Castro Lacerda Neves ... 74 361
Imperial Vinícola, L.da ... 74 244 / 74 204
Ivo Neves ... 74 572 / 74 240
J. Duque, L.da ... 74 265
João Augusto David — Sá ... 74 156
João Caniço ... 74 122
João Caniço ... 74 474
João Marques Lincho — Sá ... 74 514
Eng. João Telo Seabra Garcia Polido — Fogueira ... 74 393
Joaquim Alberto Cerca — Fogueira ... 74 536
Dr. Joaquim António Calheiros Silveira — Fogueira ... 74 372
Joaquim Barros Almeida — Fogueira ... 74 319
Joaquim Ferreira Alves — Sá ... 74 125
Joaquim Ferreira Castro ... 74 538
Joaquim Francisco Godinho ... 74 335

Joaquim H. A. Seabra Costa	74 375
Joaquim José Bento Lopes	74 147
Joaquim Marques Lincho Junior — Sá	74 286
Joaquim Marques Mendes	74 493
Joaquim Matias das Neves	74 447
Joaquim Nunes Maia — Paço	74 190
Joaquim de Oliveira Pires	74 158
Dr. Joaquim Seabra e Barros	74 383
Jorge Fonseca Oliveira	74 264
José Augusto Moreira Seabra	74 256
José Augusto Moreira Seabra	74 146
José Eduardo Madureira Sampaio	74 549
José Fernando Ribeiro Maia	74 574
José Ferreira de Campos & C.a L.da	74 174
José Martins — Fogueira	74 293
José Moreira Rodrigues Seabra — Sá	74 675
José Pinto da Costa	74 283
José Pinto Mota — Paraimo	74 252
José Rodrigues Seabra — São João de Azenha	74 169
José Santiago	74 414
José dos Santos	74 288
José dos Santos Moreira — Fogueira	74 547
José da Silva Calvo	74 418
Josué Marques — Fogueira	74 625
Leonildo da Cruz Pato	74 674
Lino Costa	74 403
Lino da Costa Ferreira Santiago — Fogueira	74 341
Lino Gomes Santos	74 353
Lopes & Urbano, L.da — Sá	74 662
Lúcio Moreira Seabra	74 316
Dr. Luís Carlos da Conceição	74 104
Luís Rodrigues Mieiro	74 476
Lurdes dos Santos Gonçalves Palmeira	74 428
Manuel Alves Ferreira	74 201
Manuel Alves Manhão — Paraimo	74 475
Manuel Alves Mendes	74 440
Manuel Aníbal Macedo Alves	74 170
Manuel António Santiago — Sá	74 145
Manuel Augusto Dias — São João de Azenha	74 584
Manuel Augusto R. Silva Calvo	74 458
Manuel Bouça Ferreira de Castro	74 368
Manuel Dinis Matos de Oliveira	74 310
Manuel Fernandes Urbano	74 437

Manuel Ferreira de Paiva — São João da Azenha	74 463
Manuel João Ribeiro	74 527
Manuel José Fereira de Sá — Casainho	74 537
Manuel Maria Ferreira	74 436
Manuel Mata das Neves — Sá	74 255
Manuel Matias Nogueira	74 649
Manuel Pereira Santiago	74 135
Manuel Ribeiro	74 304
Manuel Rodrigues da Silva	74 119
Manuel Rodrigues da Silva	74 151
Dr. Manuel de Seabra	74 214
Manuel Simões das Neves	74 142
Maria Alice Costa	74 696
Maria Augusta Marinho — Sá	74 540
Maria do Céu de Almeida Alves	74 170
Maria do Céu R. Simões — Sá	74 485
Maria Ferreira Martinho — Sá	74 124
Maria de Nazaré Baptista Urbano — Saima	74 379
Maria Rodrigues Costa — Fogueira	74 327
Maria Seabra Dinis	74 191
Marinho Ferreira da Silva — Sá	74 262
Mário Pereira Leal — Sá	74 296
Eng. Mateus Augusto Araújo dos Anjos	74 241
Mendes & Filhos, L.da	74 396
Mieiro & Filhos, L.da	74 217
Miguel Ângelo Cardoso Meneses — Lameira	74 284
Miguel Ferreira Manhão	74 282
Miguel R. Oliveira	74 245
Narciso da Marca — Sá	74 292
Nelson Augusto Neves — Sá	74 278
Nuno & Gradeço, L.da — Paraimo	74 251 / 74 338
Octávio Gomes — Fogueira	74 263
Orlando A. Moreira Mata	74 376
Orlando Moreira Simões	74 526
Ortélia Matos Albuquerque	74 623
Pároco de Sangalhos	74 270
Paulino Urbano Félix	74 473
Pensão Cristina	74 335
Pensão Raínha dos Leitões	74 331
Pinto, Costa & Silva, L.da — Paraimo	74 411
R. N. Maia	74 220
Ramiro Ferreira Santiago	74 371
Ramiro Soares Oliveira	74 552

Regional Vinícola	74 572
Rui Moura Alves	74 697
Rui Simões Nogueira — Fogueira	74 322
Salvador Rodrigues Ferreira	74 626
Salvador Simões Aidos — Fogueira	74 165
Sangalhos Desporto Clube	74 275
Saraiva & Neto, L.da	74 520
Saul de Castro Baptista	74 422
Saul Ferreira Pereira — São João da Azenha	74 297
Saul Rodrigues de Sousa	74 431 / 74 402
Seabra & Barros	74 394
Sidónio de Sousa	74 236
Silvino Vale	74 205 / 74 627
Simões, Ferreira & Pacheco, L.da — São João da Azenha	74 586
Simões, Filhos, Sucrs., & C.a L.da	74 616
Sociedade Ideal de Ciclismo, L.da	74 401
Sociedade Importadora de Sangalhos, L.da	74 254 / 74 525
Sociedade dos Vinhos Irmãos Unidos — São João da Azenha	74 118
Torrefacção Bairradina, L.da	74 464
Vinícola do Passadouro, L.da — Fogueira	74 238
Vinícola de Sangalhos — Caves Aliança	74 166 / 74 167 / 74 160
Virgílio Henriques de Sousa Oliveira — Fogueira	74 101
Virgílio Oliveira da Silva — Sá	74 273
Virgínia Ferreira da Costa	74 430
Vitor Manuel Seabra Mendes	74 528
Viúva de Albino Sarabando da Rocha — Fogueira	74 138
Viúva de Miguel Costa	74 404
Zahira S. Mendes Costa — Fogueira	74 327

TROVISCAL

Abel Ferreira Pinhal	75 314
Abel Pires dos Reis	72 222
Adelino Ferreira Cruz — Póvoa do Carreiro	75 369
Adérito Moreira Soares — Passadouro	75 357
Adriano Nunes Mota — Feiteira	75 120 / 75 278
Dr. Afonso Briosa e Gala	75 194
Aida de Jesus Carvalho — Póvoa do Forno	75 196
Alfredo Ferreira — Feiteira	75 374
Álvaro Santos Barros	75 486
Amador Branco Tavares	75 487
Amilcar Martins Barreiro — Carvalha	75 159

Assinante	Telefone
Amílcar Silva Pereira	75 167
Amorim Marques — Póvoa do Forno	75 237
António Miguéis — Póvoa do Forno	75 163
António Simões Luzio — Cruzeiro	75 258
Aureliano Resende de Pinho — Passadouro	75 718
Dr. Carlos Pereira — Póvoa do Carreiro	75 157
Casa Granjeia	75 282
Casa do Povo	75 434
Cassilda da Conceição Pato — Passadouro	75 164
Caves Irmãos Macedo, L.da — Passadouro	75 192
Caves Mário Gala	75 138
Conjunto «Os Pavões»	75 159 / 75 369
Conjunto «Os Perús»	75 169
Correios: — Estação	75 171
— Posto Público:	
— Feiteira — Sílvio Ferreira Pinhal	75 187
Eleutério Joaquim de Carvalho	75 168
Ernesto Silva Ribeiro	75 366
Fábrica de Confecções Lisil	75 375
Farmácia Araújo Vicente	75 146
Fausto dos Santos Almeida — Póvoa do Forno	75 422
Fernando Branco Tavares — Vale da Marinha	75 485
Filinto Augusto Briosa	75 227
Hilário Barbosa	75 332
Honorato N. Pinho Ribeiro — Carvalha	75 817
Prof. Joaquim Granjeia	75 282
José Augusto Gaio — Póvoa do Carreiro	75 311
José Augusto Marques de Oliveira — Póvoa	75 262
José Ferreira	75 195
Juvenal Simões Barreiro	75 159
Manuel Ângelo Moço	75 161
Manuel António Ferreira Canão — Póvoa do Forno	75 166
Manuel António Peixoto	75 152
Manuel António da Silva Oliveira — Limeira	75 360
Manuel Ferreira Marques	75 178 / 75 375
Manuel Joaquim Simões Barreiro	75 440
Manuel José Casau — Póvoa do Carreiro	75 154
Manuel Neves — Póvoa do Carreiro	75 818
Manuel de Oliveira Quintaneiro — Póvoa do Forno	75 175
Manuel de Oliveira Silva — Vale da Marinha	75 441
Manuel dos Santos — Póvoa do Carreiro	75 162
Manuel dos Santos Barreiro	75 254
Manuel dos Santos Pereira — Póvoa do Carreiro	75 157

Manuel da Silva Lopes — Póvoa do Carreiro	75 170
Marília Seabra Granjeia	75 291
Mário Joaquim de Carvalho — Póvoa do Forno	75 329
Dr. Mário dos Santos Pato — Póvoa do Carreiro	75 158
Obra do Frei Gil — Feiteira	75 240
Orquestra Central do Troviscal	75 290
Orquestra «Os Pavões»	75 159 / 75 369
Orquestra «Os Perús»	75 169
Páróco do Troviscal	75 264
Raul Granjeia	75 172
Dr.a Saudade R. C. Martins Gonçalo	75 104
Silvério Nunes — Vale da Marinha	75 376

Serralharia Artística da Pedreira

DE

Armando Pires da Silva

ESTRUTURAS METÁLICAS

SERVIÇO EM FERRO E ALUMÍNIO

FOSFATIZAÇÃO

TODOS OS TRABALHOS EM SERRALHARIA

PEDREIRA

Palhaça

Auto - Garagem

DA

PALHAÇA

Estação de Serviço

Bombas de gasolina
e gasóleo

ÓLEOS

AGENTE DO GAZ CIDLA

REPRESENTAÇÃO DE PNEUS

AUTOMÓVEIS
NOVOS E USADOS

SEGUROS

AUTOMÓVEIS LOURENÇO

DE

Manuel F. Lourenço

Sobreiro — Bustos

Telef. 75340

"ESTORES VIDAL"

DE

António José da Silva N. Vidal

Fabrico, Montagem e Reparação de:

- ▶ **Estores em plástico**
- ▶ **Estores em alumínio**
- ▶ **Estores laminados**

Fornecimento e aplicação de:

Parquetes em madeiras nacionais e estrangeiras

Alcatifas de todos os tipos

Tel. 94305 **QUINTÃS - Costa do Valado**

João Marcelino Feliciano

Comerciante de

VINHOS
MERCEARIAS
SULFATOS
MIUDEZAS

Vila Nova — Palhaça

CASA DILI

Maria de Lurdes da Cruz Vieira

Costureira

Confecções • Tecidos • Miudezas

Telef. 75218 — *Palhaça*

Decoramos a vossa casa
com requinte . . .

BOÉMIA

FABRICANTE

Arte Sacra — Ferragens Fúnebres — Bronzes Decorativos — Taças Desportivas — Descansos de Urnas — Ferraria Artística
Candeeiros de Jardim

Produzimos e vendemos directamente ao Público sem intermediários. Ganhe você mesmo muito + $$$$

Marcamos Pontos de Luz Decorativos em Obras Novas
Serviço Gratuito

Fornecemos: Obras do Estado

Fabricamos Candeeiros em Bronze e Lustres Cristal «Strass» nos Estilos:
Império — D. José — D. João — Moravia — Marie Thereze — Séc. XVII
Holandês — Inglês — Nórdicos — Luiz XV — Renascença, etc.

Apetrechos e Resguardos para Fogões de Sala

Decorador de Iluminação Privativo Diplomado

Exposição: OIÃ — Bairrada (frente à Igreja)
Abertura — Só aos sábados 9 às 13 e 15 às 20 h.

Fornecemos + 80% obras novas no Distrito de Aveiro